

Agradecimentos

Com o apoio de várias pessoas, que por diferentes motivos e de forma especial me acompanharam, foi possível a realização deste trabalho final de mestrado.

Quero, assim, agradecer, em primeiro lugar aos meus orientadores, ao Professor Doutor João Nunes e à Professora Doutora Liliana Castilho, a orientação prestada ao longo deste percurso.

Aos professores da ESEV, em especial aos que me orientaram nas práticas e aos que sempre que eu precisava estavam dispostos a ajudar e dar apoio. O empenho demonstrado é um grande exemplo como futura profissional de educação.

À minha amiga e colega de grupo Isabel Melo, que sempre esteve ao meu lado, nos bons e maus momentos, que mais me amparou e acreditou nas minhas capacidades, agradeço-lhe a colaboração e o apoio nas nossas práticas. Neste percurso a nossa amizade mostrou ser verdadeira, a sua lealdade e apreço ficarão para sempre guardados no meu coração.

À minha família, em particular, aos meus pais, irmão e avós que sempre estiveram presentes ao meu lado e graças a quem pude frequentar o ensino superior. Agradeço-lhes os momentos em que tiveram que ter mais paciência com as minhas alterações de humor e os conselhos e incentivos que foram muito importantes nos momentos de maior fragilidade. São o meu orgulho, e vejo nos olhos de cada um que sou igualmente um orgulho para eles.

Às minhas amigas, que estiveram sempre presentes durante este meu percurso académico e contribuíram de diferentes formas para o meu sucesso, também desejo um agradecimento.

Ao meu namorado, Bruno Fernandes, que mostrou paciência nos momentos necessários, que me motivou quando mais precisava e que sempre me incentivou a fazer cada vez mais e melhor, aqui deixo a minha gratidão.

Resumo

Na reta final do curso de Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB) é-nos requerido um Relatório Final que complementa a unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada. Este está dividido em duas partes: na parte inicial foi feita uma análise e uma reflexão sobre o trabalho desenvolvido ao longo das Práticas de Ensino Supervisionadas, durante três semestres e em dois níveis de ensino. Ao longo desta experiência tivemos a oportunidade de aplicar diferentes estratégias de ensino, com a finalidade de ir ao encontro dos diferentes ritmos de trabalho e aprendizagens de cada criança.

A segunda parte deste relatório apresenta o estudo empírico que tem por base uma das estratégias de ensino: visitas de estudo. Com esta investigação pretendemos perscrutar as ações que envolvem a visita de estudo, nomeadamente aspetos que se prendem com a sua preparação e atividades realizadas. Assim, pretendemos conhecer as perceções dos professores sobre as visitas, bem como a forma como desenvolvem atividades neste contexto.

Para este trabalho utilizámos uma metodologia quantitativa complementada com uma metodologia qualitativa e os dados foram recolhidos através de questionários distribuídos em papel nas escolas e de entrevistas gravadas.

Este estudo foi desenvolvido no Concelho de Esposende, Distrito de Braga; 47 professores responderam aos questionários e 5 concordaram em participar nas entrevistas.

Palavras-Chave: 1.º Ciclo do Ensino Básico; visitas de estudo; perspectiva dos professores

Abstract

At the conclusion of the Master's degree in Preschool and Primary Education, a final report is required which complements the Supervised Teaching Practice unit. This is divided in two parts: the first part, comprises an analysis and a reflection on the work developed in the Supervised Teaching Practice unit for three semesters in two education levels. Throughout this experience, we had the opportunity to apply different teaching strategies adapted to the different work and learning rhythms of the children.

The second part of this reports focuses on the empirical study that grounds one of the teaching strategies: field trips. In this study, we intend to investigate the actions associated with field trips, namely aspects related to their preparation and activities performed. Therefore, we aim to understand the perception of the teachers on field trips, particularly aspects related to the opinion of teachers on the field trips, as well as the strategies used to perform activities in this context.

In this study, we used a quantitative methodology complemented with a qualitative methodology and data was acquired through questionnaires distributed in paper in schools and recorded interviews.

This study was developed in the Conty Esposende, District Braga; 47 teachers answered the questionnaires and 5 agreed to participate in the interviews.

Key words: 1.º ciclo pus primary education; field trips; teacher's perspectives

Índice

Introdução Geral.....	6
Parte I - Apreciação crítica das práticas	8
Introdução	9
Capítulo I - Contextualização e análise das práticas desenvolvidas no estágio no 1.º CEB.....	11
1.1. Caracterização da Prática de Ensino Supervisionada II	11
1.2. Análise da Prática de Ensino Supervisionada II	14
Capítulo II – Contextualização e análise das práticas desenvolvidas no estágio do 1.º CEB	18
2.1. Caraterização da Prática de Ensino Supervisionada III	18
2.2. Análise da Prática de Ensino Supervisionada III	19
Conclusão	21
Parte II – ESTUDO EMPÍRICO.....	23
Introdução	24
1. Enquadramento teórico	25
1.1. Didática	25
1.2. Visita de estudo	28
1.3. Estudo do Meio	35
2. ESTUDO E METODOLOGIA	39
2.1. Questão e objetivos da investigação	39
2.2. Metodologia.....	40
2.3. Técnicas e instrumentos de pesquisa	41
2.4. Procedimentos	44
3. Análise e discussão de dados	45
4. Conclusão	59
Conclusão geral.....	61
Referências bibliográficas	63
Anexo 1- Correio eletrónico enviado ao Presidente do Agrupamento de Escolas	67
Anexo 2- Resposta do Presidente do Agrupamento de Escolas ao correio eletrónico anterior.....	67
Anexo 3 – Guião de entrevista.....	68
Anexo 4 – Gráficos com os resultados dos questionários.....	69
Anexo 4 – Entrevistas aos professores	80
Entrevista: Professor A	80
Entrevista: Professor B	85

Entrevista: Professor C	89
Entrevista: Professor D	93
Entrevista: Professor E	98

Introdução Geral

A educação em Portugal foi sofrendo diferentes evoluções, acompanhando o desenvolvimento da sociedade. O percurso na formação dos professores não foi exceção: as licenciaturas tinham duração de 4 anos mas com o Processo de Bolonha, para além de frequentar a licenciatura de 3 anos, passa a ser obrigatório frequentar o mestrado para se habilitar à docência. Tal como está especificado no Decreto-Lei nº 43/2007 de fevereiro:

(...) com a transformação da estrutura dos ciclos de estudos do ensino superior, no contexto do Processo de Bolonha ,(...) a titularidade da habilitação para a docência generalista, na educação pré-escolar e nos 1.º e 2.º ciclos do Ensino Básico, é conferida a quem obtiver tal qualificação através de uma licenciatura em Educação Básica (...) e de um subsequente Mestrado em Ensino, num destes domínios. (p. 1320)

Segundo Ferreira e Mota (2009), o processo de Bolonha permite que o “conhecimento, a mobilidade e a empregabilidade dos seus diplomados contribuam para a coesão europeia “(p.80). Ou seja, possibilita que cada cidadão europeu possa ter acesso a um emprego na sua área de formação, em qualquer país da União Europeia. De acordo com os mesmos autores, este documento conduziu a “uma mudança de paradigma de formação, ao nível do ensino superior, centrando-a na globalidade da atividade e nas competências que os jovens devem adquirir, articuladas com a evolução do conhecimento e dos interesses dos indivíduos e da (s) comunidade(s)”.

Ferreira e Mota (2009) apresentam 6 pontos que defendem ser fundamentais para a formação.

1. Formação educacional geral que abrange os conhecimentos, capacidades, atitudes e competências no âmbito da educação e com importância no desempenho na sala de aula, estabelecimento de ensino, na relação com a comunidade e na participação crítica no desenvolvimento de políticas educativas e de metodologias de ensino;
2. Didáticas específicas que incluem os conhecimentos, capacidades e atitudes e competências no quadro do ensino nas áreas curriculares ou disciplinares e nos níveis e ciclos de ensino respetivos;
3. Atividades da iniciação à prática profissional deverão incluir a observação e colaboração em situações de educação e ensino, a prática supervisionada na sala de aula e na escola, experiências de planificação,

ensino e avaliação e a realização em diferentes grupo ou turmas dos diferentes níveis e ciclos de educação e ensino;

4. Formação cultural, social e ética que deverá promover a sensibilização para os grandes problemas do mundo contemporâneo, o alargamento a outras áreas do saber e cultura e preparar para as áreas curriculares não disciplinares e a reflexão sobre as dimensões ética e cívica da atividade docente;

5. Formação em metodologias de investigação educacional procurando capacitar os futuros docentes a adotarem uma atitude investigadora no desempenho profissional;

6. Formação na área da docência garantindo uma formação académica adequada às exigências da docência (...) (p.82).

As práticas supervisionadas (PES) foram de grande importância para a nossa formação, permitindo um contacto real com os contextos e com as situações que surgem no dia-a-dia. Neste período de tempo fomos devidamente acompanhadas por um par de professores da ESEV, que se mostraram sempre disponíveis para nos ajudar e apoiar no que fosse necessário, assim como os docentes cooperantes que nos aceitaram como estagiárias.

O relatório final de estágio, que é requerido no final do curso de mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º CEB, divide-se em duas partes: na primeira fazemos uma caracterização dos locais, assim como uma análise reflexiva das PES nos dois níveis de ensino, em que são refletidas e apontados aspetos que destacamos das nossas práticas. Na segunda parte, apresentamos o trabalho de investigação, onde procuramos saber a opinião dos professores do 1.º ciclo do ensino básico (CEB) em relação à visita de estudo, como estratégia de ensino.

Este estudo teve como participantes professores do Agrupamento do concelho de Esposende que se localiza no litoral norte, na região do Minho, no Distrito de Braga. O Município de Esposende é constituído por 15 freguesias. É limitado a sul pelo município da Póvoa de Varzim, a norte pelo de Viana do Castelo, a leste pelo de Barcelos e a oeste pelo Oceano Atlântico.

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria
produção ou a sua construção.”

Freire (1996)

Parte I - Apreciação crítica das práticas

Introdução

Segundo o Regulamento do segundo ciclo de estudos em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, no curso de mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico é obrigatória uma componente prática que decorre nos três semestres, “no âmbito das unidades curriculares de Prática de Ensino Supervisionada (PES) I, II e III”. A PES “subdivide-se nas componentes: Estágio, Seminário e Orientação Tutorial” contribuindo cada um deles para a formação profissional individual. Pretende-se que o relatório final de estágio seja desenvolvido ao longo dos três semestres e concluído na unidade curricular de PES III. (ESEV, 2012, p3) A Prática Supervisionada I e II decorreu no ano letivo 2014/2015 que corresponde ao 1.º e 2.º semestre do curso, tendo o 3.º semestre decorrido no ano letivo 2015/2016.

Cabe-nos a decisão se a iniciamos na EPE (Educação Pré-Escolar) ou se no 1.º CEB. Assim, na PES II, o nosso grupo decidiu-se pela EPE e na PES III, no 1.º CEB. Ao longo das práticas tivemos a oportunidade de observar, de planificar, de construir recursos que faziam parte dos momentos de aprendizagem proporcionados aos alunos. Foi também de um grande apoio a utilização dos documentos de referência tanto ao nível da educação pré-escolar como ao nível do 1.º CEB. Deste modo, baseámo-nos em programas e brochuras que nos orientaram sobre as potencialidades de cada atividade e de cada nível de ensino. Quando nos era proposto um conteúdo, tínhamos o cuidado de verificar os documentos de referência com o objetivo de saber o que diziam sobre o mesmo para depois planificarmos de acordo com as exigências de cada faixa etária.

O seguimento deste estudo é feito com base nos 2.º e 3.º semestres, correspondendo à educação pré-escolar e ao 1.º CEB. Os estágios decorreram na zona de Viseu, uma vez que a instituição que nos forma - Escola Superior de Educação –se situa na mesma cidade. Foram constituídos grupos de estágio, em que todos os elementos tinham o mesmo tempo determinado de dinamização.

No decorrer dos semestres os grupos foram sofrendo alterações, mas manteve-se o apoio de cada elemento na preparação e dinamização das atividades e na reflexão de cada prática.

Ao longo dos estágios fomos acompanhados e supervisionados por dois professores. Na educação pré-escolar tivemos um professor da área das ciências da educação e outro da área disciplinar da matemática. No estágio do 1.º CEB tivemos um professor da área disciplinar das ciências da educação e outro na área de português.

No final de cada intervenção, o grupo refletia sobre as práticas realizadas, destacando o que foi bem conseguido e os aspectos que deveriam ser melhorados em intervenções seguintes. O grupo tinha a preocupação e o interesse em refletir sobre os momentos do dia de estágio, quer fosse intervenção individual ou em grupo, sendo a reflexão por vezes feita com a professora cooperante e com o professor supervisor. A pessoa responsável pela dinamização das atividades tinha de elaborar um relatório crítico sobre a sua prática, apoiando-se nas conclusões retiradas das reflexões.

O pensamento reflexivo deve ser visto como um instrumento fundamental na vida de qualquer pessoa, sendo importante no dever que o professor tem enquanto agente ativo na formação dos indivíduos. Após estes anos de formação, tenho a consciência de que os meus conhecimentos não estão fechados nem dados como certos, pois tal como afirma Day (2007, cit. por Herdeiro & Silva, 2008, p.2) “o desenvolvimento profissional contínuo de professores sempre foi necessário (...) dadas as mudanças no currículo, nas abordagens de ensino e nas condições de trabalho”. Na verdade, a sociedade está em constante transformação, pelo que penso que cada profissional de qualquer área deverá atualizar-se a fim de que os seus conhecimentos e práticas não entrem em desatualização.

O professor deve acompanhar as mudanças na educação, adverte Day (2007, cit. por Herdeiro & Silva, 2008, p. 2), pois “como profissional em permanente desenvolvimento advém essencialmente das mudanças constantes na sociedade atual e das teorias educacionais e pedagógicas”. Igualmente importante é que o docente seja capaz de refletir sobre as suas práticas, desenvolvendo o seu espírito autocrítico, podendo fazê-lo de forma individual ou em grupo. A troca de experiências entre colegas é importante porque possibilita mais conhecimentos, para além daqueles que aprendemos na nossa formação académica. Por esse motivo, o nosso grupo reunia-se diariamente para aprendermos em partilha, em prática dialógica. Herdeiro & Silva (2008, p.8) mencionam que “(...) o desenvolvimento profissional é visto como um processo complexo em que o papel do professor é entendido como um agente ativo de mudança, autónomo e responsável, determinado a refletir com os colegas, de forma a melhorar as suas competências, quer em aspectos relativos à prática docente quer em assuntos mais abrangentes, nomeadamente, problemas da escola”.

Capítulo I - Contextualização e análise das práticas desenvolvidas no estágio no 1º CEB

1.1. Caracterização da Prática de Ensino Supervisionada II

Durante a nossa formação tive o privilégio de contactar com diferentes níveis de ensino, que contribuíram para o meu crescimento e desenvolvimento enquanto futura profissional da educação. A PES I teve a duração aproximadamente de três meses no 4.º ano de escolaridade. Foi um grande desafio que, com o apoio da professora cooperante e dos professores supervisores da ESEV, um da área de Ciências de Educação e um da área da Matemática, conseguimos concluir positivamente.

A escola onde concretizamos a PES I situa-se nos arredores da cidade de Viseu, de construção recente, constituída por dois pisos, o seu espaço é amplo nomeadamente a biblioteca e o refeitório, onde devido às suas características peculiares, realizámos várias atividades. No piso térreo existem duas salas de educação Pré-Escolar e duas salas onde se encontravam duas turmas do 4.º ano de escolaridade.

O nosso grupo teve a oportunidade de observar a cooperação e o trabalho de equipa que os dois professores do 4.º ano tinham diariamente. Com esta parceria retirámos a importância que podem ter as práticas quando trabalhadas em conjunto, para além de que desfrutámos dos conselhos dos dois professores.

A turma com que desenvolvemos o nosso trabalho de estágio revelou-se muito acessível, participativa e cooperativa. Foi prazeroso trabalhar com este grupo de alunos que nos ajudou em muito a crescer. O papel desempenhado pela professora cooperante foi para nós também muito importante; de facto, havia uma relação muito próxima entre professora/alunos, e uma preocupação com que todos os alunos, independentemente dos ritmos de aprendizagem, participassem ativamente. O momento que nos entristeceu foi quando terminou o estágio, pois já nos sentíamos muito mais capazes de trabalhar com este ano de escolaridade.

Ainda na PES I estagiámos na Educação Pré-Escolar com os mesmos elementos do grupo do estágio anterior; o grupo na PES II sofreu uma alteração, pois um elemento do grupo foi substituído.

Na Prática de Ensino Supervisionada II tivemos oportunidade de estagiar na Educação Pré-Escolar. Era vontade do grupo estagiar neste nível de ensino. No início foi um grande choque devido às diferenças entre o 4.º ano e o pré-escolar; mas tivemos uma grande orientação das professoras orientadoras, uma da área de Ciências de

Educação Pré-Escolar e outra na área de Matemática e uma ajuda importantíssima da educadora cooperante.

O local onde tivemos a oportunidade de realizar a PESII é composto por duas salas da Educação Pré-Escolar e uma sala para cada um dos quatro anos do 1.º CEB. O refeitório era um espaço frequentado pelos dois níveis de ensino, em horas diferentes. A sala de prolongamento dispõe de um lugar espaçoso e com muita luz natural. Neste local havia diversos jogos didáticos e um quadro interativo. Os alunos do 1.º CEB e as crianças do pré-escolar juntavam-se neste espaço antes e no fim das atividades letivas ou quando era necessário mais espaço e não havia outro local. O nosso grupo recorreu a esta sala sempre que necessitávamos de mais espaço e de um sítio resguardado para as atividades que nos propúnhamos desenvolver.

Estivemos em contexto de estágio cinco semanas, em que colocamos em prática atividades pedagógicas consoante o cronograma distribuído no início do semestre.

A sala onde implementámos as nossas práticas tinha um grupo de 25 crianças, doze crianças com 5 anos de idade, três com 4 anos de idade e dez com 3 anos de idade. O grupo era muito heterogéneo, mas eram também muito interessados, participativos, com espírito de grupo, carinhoso e com bom nível de socialização. Os adultos responsáveis pelo grupo, a educadora e a assistente operacional, foram muito prestáveis e disponíveis para nos ajudar no que fosse necessário. Foi sem dúvida um grande apoio que tivemos ao longo do estágio.

É importante, como cidadã e como profissional de educação, conhecer o papel que a criança protagonizou no passado e protagoniza no presente e os documentos orientadores da prática letiva/educacional.

No passado, a criança ou não tinha direitos ou não os via cumprirem-se e a sua infância não era valorizada nem estimulada. Com a evolução das sociedades, a criança passou a ser vista como um sujeito com direitos. Afirmam Craveiro e Ferreira (2007, p.17) que as “diligências legislativas que se consolidaram em documentos como a Declaração de Genebra (1923), a Declaração Universal dos Direitos da Criança (1959) e a Convenção dos Direitos da Criança (1989)”, contribuíram para a atual imagem da criança como cidadã participativa e ativa.

Através da nossa experiência, ao longo da licenciatura e mestrado, apercebemo-nos que no passado a criança entrava na escola primária só com o objetivo de saber os requisitos básicos: ler, escrever e fazer cálculos. O professor era o detentor do saber,

não havendo margem para o diálogo e questionamento. Com as transformações a que a sociedade foi sujeita, chegou-se à conclusão de que a criança deveria ter a oportunidade de contactar com diversas experiências, para que fosse provocada nela o questionamento e a curiosidade.

A educação pré-escolar, segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 2016, p.5) e de acordo com a Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro, é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida”. Considera-se que deve ser frequentada por crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos.

De acordo com mesma fonte citada anteriormente, a educação pré-escolar é a primeira etapa na educação de uma criança que deve ser complementada com a família, pois a criança desenvolve-se nos diversos contextos com que contacta, cabendo ao educador, segundo o documento acima citado, ser responsável por estabelecer “relações próximas com esse outro meio educativo, reconhecendo a sua importância para o desenvolvimento das crianças e o sucesso da sua aprendizagem”. (p.5)

Cada estabelecimento de ensino deverá ter um projeto educativo que servirá de guia para os educadores, sendo complementado com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE). As OCEPE auxiliam o educador na construção e gestão do currículo, bem como na organização do ambiente educativo. Nas OCEPE faz-se ainda referência aos propósitos de cada área de conteúdo (área de formação pessoal e social; área de expressão e comunicação e área do conhecimento do mundo).

É fulcral que o educador tenha o conhecimento da importância da organização do ambiente educativo, pois segundo as OCEPE (Ministério da Educação, 2016, p.6) é um “contexto facilitador do processo de desenvolvimento e aprendizagem de todas e cada uma das crianças, de desenvolvimento profissional e de relações entre os diferentes intervenientes”, sendo assim necessário refletir sobre as potencialidades educativas que o educador pode proporcionar com um contexto no desenvolvimento das crianças.

Um educador, segundo Portugal (2009, p.11), deverá não ser só “conhecedor das áreas de conteúdo que aborda (...)“ mas também deve apoiar-se em “documentação e estratégias de avaliação que fundamentem a organização do ambiente educativo, o desenvolvimento do currículo e os processos de ensino – aprendizagem“. Com o contexto dos documentos de referência foi possível articular as estratégias ao conteúdo e ao grupo.

Ao longo do estágio foi possível inteirar-nos de tudo o que envolve o desempenho de um educador. Antes de dinamizar as atividades tivemos a oportunidade de observar e interagir com o grupo para que fosse criada uma ligação e conhecêssemos as características de cada criança. É importante estabelecer contacto com as crianças para que haja confiança, pois assim será mais fácil a partilha das suas ideias e sentimentos. Portugal (2009, p.13) acrescenta que o educador deve “estimular e envolver as crianças nas atividades procurando compreender o que realmente as mobiliza, o que é realmente importante para elas, quais as suas motivações, que sentido dão às atividades”. O contacto que o adulto promove junto da criança leva a que esta veja no educador alguém que a ouve, apoie e que está presente sempre que necessite.

Um grupo heterogéneo, segundo as OCEPE (Ministério da Educação, 2016), pode facilitar o desenvolvimento de aprendizagem oriundo da interação entre crianças das diferentes faixas etárias em diferentes contextos. Acrescenta que para que este desenvolvimento aconteça é importante conseguir “o trabalho entre pares e em pequenos grupos, em que as crianças têm a oportunidade de confrontar os seus pontos de vista e de colaborar na resolução de problemas e dificuldades colocadas por uma tarefa comum”. Porém, cabe ao educador apoiar “o trabalho entre pares e em pequenos grupos que permita esse confronto”, (...) alargando “as oportunidades educativas, ao favorecer uma aprendizagem cooperada em que a criança se desenvolve e aprende, contribuindo para o desenvolvimento e aprendizagem das outras”. (Ministério da Educação, 2016, p.27).

1.2 Análise da Prática de Ensino Supervisionada II

A Prática de Ensino Supervisionada II foi realizada no estabelecimento de ensino referido no ponto anterior. Foi uma grande satisfação ter estagiado neste local uma vez que já conhecia o grupo de crianças e os adultos.

Ao longo das práticas, fomos tendo a consciência da importância da reflexão. Compreendemos, assim, que ao refletirmos as nossas práticas pedagógicas é possível verificar se estas estão a ser as mais adequadas às necessidades de cada criança. Ao refletir o educador deve questionar as suas opções e quais os propósitos educativos e pedagógicos que pretende com as suas ações. A sua reflexão deve ser apoiada, segundo as OCEPE (Ministério da Educação, 2016, p.5), nas “diferentes formas de registo e de documentação”, acrescenta que a “reflexão assenta num ciclo interativo – observar, planear, avaliar e agir.

As semanas de observação serviram para recolhermos informações sobre cada criança e sobre o ambiente educativo que frequentam. Conhecimentos estes fundamentais para as decisões que tomámos sobre as práticas que pretendíamos organizar. Quando refletimos estamos a avaliar as nossas decisões, de acordo com as OCEPE (Ministério da Educação, 2016, p. 14); e passo a citar:

Avaliar consiste, essencialmente, neste processo de análise e reflexão, no sentido de sustentar as decisões sobre o planeamento, cuja concretização irá conduzir a uma nova avaliação- Por isso, planificação e avaliação são interdependentes: a planificação é significativa se for baseada numa avaliação sistemática e a avaliação é útil se influenciar a planificação da ação e a sua concretização.

Planear não deve ser encarado como uma sequência de atividades propostas pelo educador para um determinado dia ou semana; deve haver uma intencionalidade educativa e pedagógica. Foi difícil ao nosso grupo interiorizar esta ideia. Numa primeira fase só pensávamos nas atividades que se adequavam a um certo conteúdo. Os nossos orientadores faziam-nos pensar sobre o que realmente queríamos que as crianças atingissem com aquela atividade e algumas vezes chegávamos à conclusão que determinada atividade afinal não proporcionava à criança a finalidade que pretendíamos. Com efeito, nas OCEPE (Ministério da Educação, 2016, p. 16) refere-se que:

Planear implica que o/a educador/a reflita sobre as suas intenções educativas e as formas de as adequar ao grupo, prevendo situações e experiências de aprendizagem e organizando recursos necessários à sua realização. Planear permite, não só antecipar o que é importante desenvolver para alargar as aprendizagens das crianças, como também agir, considerando o que foi planeado, mas reconhecendo simultaneamente oportunidades de aprendizagem não previstas, para tirar partido delas.

O educador, tal como experienciámos, deve estar preparado para situações imprevistas como sugestões das crianças. Quando estas surgem devemos procurar integrá-las. Ao aproveitar as intervenções das crianças estamos a envolvê-las no desenvolvimento da sua própria aprendizagem. O educador é, assim, responsável por “integrar situações imprevistas que possam ser potenciadoras de aprendizagem”. (Ministério da Educação, 2016, p.16)

O nosso grupo valorizou a participação das crianças na avaliação, pois achamos que era importante perceber o que significou para cada uma atividade e saber as sugestões para novas experiências de aprendizagem. De acordo com as OCEPE

(Ministério da Educação, 2016, p.17), promover a participação das crianças na avaliação “constitui um meio de formação pessoal e social, de desenvolvimento cognitivo e de linguagem”. Segundo o mesmo documento:

Enquanto protagonista da sua aprendizagem, é também fundamental envolver a criança na avaliação, descrevendo o que fez, como e com quem, como poderia continuar, melhorar ou fazer de outro modo, tomando, assim consciência dos seus progressos e de como vai ultrapassando as suas dificuldades. Este processo de avaliação ou revisão vai ajudar as crianças a aprenderem a prever melhor o que querem fazer e, por conseguinte, a planear melhor. (p.17/18)

Temos o dever, enquanto educadores, de proporcionar o envolvimento das crianças em todos os momentos, quer seja no planeamento, na ação, quer na avaliação. A criança é um agente ativo no seu desenvolvimento e aprendizagem, não devendo ser colocada à margem ou ser vista como um mero espectador que aguarda intervir só quando solicitado pelo adulto.

Enquanto estagiárias na Educação Pré-escolar, tomámos contacto com a importância da rotina na vida de uma criança. O impacto que a rotina tem na formação da criança passa pelo sentimento de segurança e pela importância da noção do tempo, ajudando-as, assim, a perceber a sucessão dos momentos de cada dia, semana, mês, entre outras referências temporais. Segundo as OCEPE (Ministério da Educação, 2016, p. 30), “a vivência destas diferentes unidades de tempo permite que a criança se vá progressivamente apropriando de referências temporais que são securizantes e servem como fundamento para a compreensão do tempo: passado, presente, futuro”.

A rotina deve ser planeada e as crianças devem ter o conhecimento desta, porém deve ser flexível pois podem surgir situações que levem a que esta seja alterada. As OCEPE (Ministério da Educação 2016) acrescentam que é necessário que o educador proporcione:

Um tempo que contemple de forma equilibrada diversos ritmos e tipos de atividade, em diferentes situações – individual, com outra criança, com um pequeno grupo, com todo o grupo – e permita oportunidades de aprendizagem diversificadas. Trata-se de prever e organizar um tempo simultaneamente estruturado e flexível em que os diferentes momentos tenham sentido para as crianças e que tenham em conta que precisam de tempo para fazerem experiências e explorarem, para brincarem e praticarem, para experimentarem novas ideias, modificarem as suas realizações e para as aperfeiçoarem. (p.30)

Os momentos de rotina, no grupo em que estagiávamos, passavam pelo acolhimento que era feito primeiro entre os adultos e as crianças de forma individual e depois em grande grupo. Dentro da sala de atividades existem instrumentos de regulação que permitem à criança saber os momentos da rotina, a partir do quadro das presenças, o calendário, o calendário dos aniversários, o quadro do estado do tempo e o quadro do registo das áreas de interesse.

A sala de atividades tinha dimensões reduzidas para o grupo de crianças e adultos, o que dificultava as movimentações dentro da mesma e a execução de algumas atividades. Devido ao tamanho da sala, algumas das atividades aconteciam na sala do prolongamento, que era mais espaçosa, permitindo um maior conforto para todos os intervenientes. O facto de planearmos as atividades em diferentes espaços motivava e alegrava as crianças.

A educadora cooperante valorizava muito os cantinhos. Cada um deles estava apetrechado de elementos, na sua maioria reais, trazidos pela educadora, como por exemplo: acessórios de bijuteria, embalagens, roupas, entre outros. A educadora defendia o grande contributo que os jogos didáticos têm na aprendizagem das crianças. Quando estes já não provocavam o desafio às crianças, procurava e comprava outros que dinamizassem o desenvolvimento das mesmas. Sem dúvida que o grande foco desta educadora era o bem-estar do grupo e o seu desenvolvimento equilibrado. Este exemplo de dedicação foi um grande ensinamento para nós. Muitas vezes, ao longo da nossa formação, perguntávamos para que serviria determinado conteúdo abordado pelos nossos professores. Quando contactámos com a realidade fomos compreendendo que tudo aquilo que nos foi proporcionado fazia sentido.

Para além das OCEPE, usufruímos das brochuras nas nossas práticas que nos foram apresentadas pelos nossos professores da ESEV e que foram de imensa utilidade. Entre as quais: “Brochuras de Artes no Jardim de Infância”, “Ciência na Educação Pré-escolar”, “Despertar para as Ciências na Educação Pré-escolar”, “Linguagem e Comunicação no Jardim de Infância”, “Brochura de Geometria no Pré-escolar”, “Sentido do Número e Organização de Dados”.

Estes documentos de apoio foram também complementados com a leitura de documentos e pesquisa, até porque é a nossa obrigação sermos curiosos; ou, por outras palavras, é essencial que queiramos saber sempre mais e mais sobre todos os assuntos que dizem respeito às crianças.

Para o nosso grupo foi um privilégio trabalharmos com a educadora que nos apoiou em muitos sentidos. Acresce que as crianças foram muito recetivas às nossas

propostas. Sem dúvida que este estágio nos marcou e que servirá de incentivo para quando estivermos em exercício da nossa profissão de educadoras.

Capítulo II – Contextualização e análise das práticas desenvolvidas no estágio do 1.º CEB

2.1. Caracterização da Prática de Ensino Supervisionada III

A PES III foi exercida no 2.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB), uma escola pequena e de instalações antigas nos arredores de Viseu.

A escola apresenta muitas limitações. De facto, no exterior não existe um espaço devidamente coberto e seguro para a prática de algumas atividades, o que nos dificultava imenso sobretudo quando a meteorologia não era favorável. A sala era muito pequena para 21 crianças; não havia qualquer possibilidade de executar atividades motoras dentro da mesma. A mobilidade dentro da sala era um desafio; quando queríamos aproximarmo-nos dos alunos, as mesas e as cadeiras limitavam o nosso movimento pois estavam muito próximas do quadro.

O quadro interativo tapava parte do quadro do giz. Tínhamos de estar sempre a empurrá-lo de um lado para o outro, quando queríamos utilizar todo o quadro do giz ou quando queríamos que todos os alunos tivessem uma melhor visualização do quadro interativo. O maior problema consistia na utilização simultânea dos dois quadros. A parede de trás estava praticamente preenchida com armários, onde os alunos guardavam os livros que não precisassem de levar para casa e por materiais dos professores.

Na entrada rés-do-chão do lado esquerdo encontram-se as casas de banho para as crianças com e sem mobilidade e para os adultos. Do lado direito situa-se a sala onde os professores se reúnem e onde tiram as fotocópias. Ainda neste piso há uma biblioteca com quatro computadores e estantes com livros que os alunos podem aceder quando a professora responsável pela biblioteca está presente. Ao lado da biblioteca existe uma sala onde são servidas as refeições, não confeccionadas na escola. É também neste local que são feitas as festas.

Como anteriormente referido, a turma era constituída por 21 alunos, 6 do sexo feminino e 15 do sexo masculino, idades compreendidas entre os 6 e os 9 anos de idade. De assinalar que dois discentes eram casos de retenção no 2.º ano de escolaridade.

Era uma turma heterogénea, com diferentes níveis de aprendizagem, em que poucos alunos se encontravam no mesmo nível, aumentando assim as exigências de prática pedagógica. Cinco dos alunos da turma eram medicados em consequência da hiperatividade, défice de atenção e concentração e havia três alunos com défices cognitivos, abrangidos pelo Decreto-Lei n.º 3/2008 de 7 de janeiro.

No planeamento das atividades, era muito desafiante dar respostas aos três alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE), mas também aos restantes pois revelavam diferentes níveis de tempo na execução das atividades.

A sala era dividida por duas turmas do mesmo ano escolar. A turma onde estagiámos tinha um horário das 8h00 às 13h00, sendo que na parte da tarde a sala era ocupada pela outra turma. Os professores deixaram desimpedidas as paredes, para que nós as pudessemos preencher com os trabalhos realizados pelos alunos e por materiais de apoio aos conteúdos.

2.2. Análise da Prática de Ensino Supervisionada III

Encaramos o estágio como uma oportunidade para testarmos estratégias com as quais contactamos ao longo da nossa formação profissional. Porém, percebemos com alguma facilidade que a turma iria representar um grande desafio para nós. Fomos confrontadas com dificuldades em concretizar os objetivos, pois os alunos eram muito imprevisíveis e provocadores. Os alunos revelaram não ter por hábito cumprir com as regras básicas; procurámos, assim, até ao final do nosso estágio, criar situações que eles pudessem utilizar, procurando fazê-los compreender a importância do cumprimento dessas regras. Era uma turma que tinha dificuldade em lidar com a novidade, demonstrando pouca motivação e interesse por novas estratégias.

O sentimento que nos assombrou foi a frustração, consequência de algumas práticas pedagógicas repetitivas que tivemos que implementar, devido às características da turma. Porém, fomos sempre tentando encontrar novos caminhos e estratégias que fossem de encontro às novas pedagogias, como a partilha de conhecimentos entre os alunos e a introdução de conteúdos a partir das suas vivências.

Partindo das observações que fizemos antes de intervirmos, compreendemos a necessidade que havia de falar de regras. Partimos do que os alunos pensavam sobre o assunto e a partir daí fomos discutindo a temática. Com alunos que apresentam estas características, desenvolver práticas consoante o pensamento dos alunos é algo que deve ser trabalhado todos os dias, senão são esquecidas e o comportamento não se altera.

Outro aspecto que na nossa opinião é fundamental é dar resposta aos alunos que têm mais dificuldades de aprendizagem, não esquecendo os que têm raciocínio mais rápido a fim de não os deixar sentir-se frustrados. Investigámos quais as estratégias que podiam ajudar. Decidimos então dispor as mesas em forma de U e, no meio destas, quatro mesas. Os alunos foram sentados, articulando-se os que evidenciavam mais dificuldades com os que tinham menos, com a finalidade de se entretajudarem.

Nem todos os alunos aprendem ao mesmo ritmo, mas como professores devemos ser conhecedores de um saber pedagógico, curricular e didático. De acordo com Dewey, citado por Alarcão (s/d, p.7), é "(...) importante que o professor reflita sobre a sua experiência profissional, a sua atuação educativa, os seus mecanismos de ação, a sua praxis ou, por outras palavras, reflita sobre os fundamentos que o levam a agir, e a agir de uma determinada forma".

É essencial que, para além do conhecimento científico, o professor tenha também um conhecimento pedagógico. Estes dois aspetos levam a que o professor seja um eterno investigador. Tal como afirma Roldão (2013, p.2), "Ser professor consiste em ensinar porque se sabe ensinar". Para além de saber o que se ensina, o professor deve ser capaz de encontrar estratégias que mais se adequem às características da turma e à qual quer proporcionar uma experiência de aprendizagem.

Para os alunos com NEE, as atividades eram pensadas em três formas diferentes, uma vez que os três apresentavam características específicas e diferentes entre si. Respeitando o nível de cada um dos alunos fomos sempre procurando estratégias que os motivassem e graduassem positivamente os seus conhecimentos. Procuramos sempre envolvê-los nas atividades da turma, algo a que não estavam habituados; até ali estavam na mesma sala, mas não estavam integrados na turma. Ao longo da nossa prática esforçámo-nos por reverter a situação e a mesma alterou-se, tendo-a sentido como transformadora, o que é o nosso grande orgulho.

O grupo de estágio na PES III era composto por dois elementos. Todos os dias refletíamos sobre as nossas práticas, fossem intervenções em grupo ou individuais. Muito ficou por fazer, muitas coisas ficaram por experienciar, muitas teorias ficaram por implementar, com muita pena nossa.

Apesar dos entraves que foram colocados às nossas opções, a principal preocupação que tivemos foi a de que todos os alunos aprendessem os conteúdos e que fizessem parte da construção do conhecimento. Procurávamos promover, na sala de aula, o bem-estar físico e emocional, objetivando que todas as crianças tivessem igual oportunidade de intervir e partilhar as suas dúvidas.

Para cada semana de intervenção, escolhíamos um tema geral, que constasse no plano de atividades, e desenvolvíamos a partir dele todos os conteúdos, intercalando todas as áreas, promovendo, assim a interdisciplinaridade.

O estágio no 1.º CEB levou-nos a utilizar os documentos normativos: programas e metas de aprendizagem, que foram imprescindíveis para que os conteúdos fossem trabalhados de forma adequada. Indispensável foram também as respostas que recebemos às nossas dúvidas por parte dos professores da ESEV, que nos elucidaram em alguns momentos fulcrais da nossa prática.

Conclusão

As experiências alcançadas ao longo das práticas de estágio foram muito positivas; a partir delas aumentámos e fortalecemos conhecimentos e competências. Com as nossas intervenções, foi possível aplicar teorias. Muitas vezes só compreendemos o impacto que as teorias podem ter se as colocarmos na prática.

Existem diferenças entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico, entre as quais as características do público-alvo a que cada um se destina. Todavia, o bem-estar e o desenvolvimento integral da criança é comum entre estes dois níveis de ensino.

A Educação Pré-Escolar, uma vez que é de frequência facultativa, pode ser o primeiro contacto que a criança terá com aspetos formais de Educação. Por isso é importante que o educador esteja atento a todas as necessidades das crianças. Estas necessidades não passam só pelos cuidados físicos mas também pela atenção ao emocional e ao cognitivo. Para isso o educador, nas suas planificações, deve ter em atenção os aspetos mencionados.

O Perfil Específico de Desempenho Profissional do Educador de Infância e professor do 1.º CEB indica que:

o educador de infância concebe e desenvolve o respetivo currículo, através da planificação, organização e avaliação do ambiente educativo, bem como das atividades e projetos curriculares, com vista à construção de aprendizagens integradas. (p.3)

A responsabilidade do educador é muito grande, tal como os desafios que enfrenta no dia-a-dia. Ao longo do estágio tivemos que aprender a lidar com o imprevisto.

Por muito que sejam planeadas as atividades podem surgir fatores que alterem o planeado.

Valorizámos os momentos que estimulassem as crianças a desenvolver capacidades entre as quais a de socialização, a linguagem oral, a exploração de diferentes materiais. Complementamos com o que menciona o documento referido anteriormente: o educador deve promover, “(...)de forma integrada, diferentes tipos de expressão (plástica, musical, dramática e motora) inserindo-os nas várias experiências de aprendizagem” e “desenvolve a expressão plástica utilizando linguagens múltiplas, bidimensionais e tridimensionais, enquanto meios de relação, de informação, de fruição estética e de compreensão do mundo”. (p.5)

O professor do 1.º CEB, na nossa opinião, deve promover a proximidade com os alunos criando assim laços de afetividade. É importante que os alunos sintam no professor confiança e segurança. Atualmente os alunos passam muito tempo nas escolas e é essencial que possam partilhar com o professor as suas inseguranças e medos.

O 1.º CEB é muito menos flexível, sendo mais rígida a sua rotina visto que esta é estruturada com o número de horas semanais estipuladas para cada uma das áreas curriculares. Os programas deste nível de ensino, são muito extensos e por vezes não dão muita margem de atuação aos professores do 1.º CEB. Este foi um dos entraves que limitou as nossas planificações.

Segundo o Perfil Específico de Desempenho Profissional do Educador de Infância e professor do 1.º CEB “o professor do 1.º Ciclo do Ensino Básico promove a aprendizagem de competências socialmente relevantes, no âmbito de uma cidadania ativa e responsável, enquadradas nas opções de política educativa nas várias dimensões do currículo integrado deste ciclo”. (p.8) Assim sendo, ao longo das nossas práticas no 1.º CEB, foi sempre inculcada aos alunos uma responsabilidade dentro e fora da sala de aula.

Apesar das diferenças estes níveis de ensino complementam-se. O educador deve ter conhecimento das exigências do 1.º CEB e assim preparar experiências de aprendizagem que possibilitarão às crianças adquirirem bases para o 1.º CEB. Naturalmente o professor do 1.º CEB deve ter consciência do trabalho que é desenvolvido na educação pré-escolar.

“Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino.”

Freire (1996)

Parte II – ESTUDO EMPÍRICO

Introdução

A Investigação científica tem como objetivo encontrar respostas para o problema. Como investigador, é necessário escolher a questão-problema antes de iniciar o estudo, para que se possam tomar decisões essenciais para a exequibilidade do mesmo. Tal como afirma Cardoso (2015, p.2), “não é possível começar a investigação enquanto o problema não for identificado, analisado e definido de uma maneira operacional”. A questão problema a que esta investigação procura dar resposta é a seguinte: “Qual a perspetiva do professor do 1.º CEB em relação às visitas de estudo e qual o grau de envolvimento dos alunos nesta prática pedagógica?”.

Segundo Proença (1992, p. 96), o professor não deve ser o único detentor do saber/conhecimento. Deve, sim, ser capaz de promover situações de aprendizagem, ou seja utilizar “novos métodos de ensino”, tendo como objetivo “desenvolver capacidades nos alunos”. A mesma fonte acrescenta que o professor deve optar pela utilização de métodos ativos que, colocando o aluno no centro da ação didática, contribuem para a construção, progressiva e durável, de conceitos gerais e de atitudes próprias da inteligência ativa”.

Esta investigação pretende averiguar qual a perspetiva dos professores em relação às visitas de estudo enquanto estratégia de ensino e saber se existe um contributo para as aprendizagens das crianças quando estas participam nas mesmas. Assim procurar-se-á dar resposta às seguintes questões:

- Qual é a perspetiva que os professores do 1º CEB têm sobre as visitas de estudo?
- Como é que são preparadas as visitas de estudo para o 1º CEB?
- É importante a participação das crianças na preparação, execução e reflexão da visita de estudo? De que forma pode ser feito?

Na recolha de dados foram utilizados dois instrumentos: questionários e entrevista. A recolha de dados aconteceu no Agrupamento do Concelho de Esposende, Distrito. A escolha deste agrupamento está relacionada com a minha zona de residência e pelo facto de ter sido realizado um estudo semelhante na zona urbana de Viseu. Assim, em conjunto com os orientadores da investigação achámos interessante realizá-la noutro ponto do país. Os professores deste agrupamento mostraram grande simpatia e interesse por esta temática. Responderam aos questionários 47 professores e foram realizadas 5 entrevistas.

Numa investigação é crucial estabelecer os objetivos, e neste trabalho são:

- Perceber a perspectiva dos professores do 1º CEB em relação à temática em estudo;
- Conhecer as ações que envolvem a preparação das visitas de estudo;
- Avaliar se a participação das crianças em todo o trabalho desenvolvido na visita de estudo, contribui para o envolvimento positivo das mesmas na construção do seu conhecimento;
- Aferir qual o impacto que uma visita de estudo tem na aprendizagem de um conteúdo programático.

1. Enquadramento teórico

Serão abordados os conceitos e teorias que se adequam à presente investigação, tendo-nos baseado neles para a sustentação deste trabalho.

Na primeira parte, serão apresentados os conceitos: Estudo do Meio, Didática e Visitas de Estudo. Estes conceitos têm como base os dados recolhidos através das técnicas de recolhas de dados utilizados.

1.1. Didática

Os conceitos veem as suas definições serem alteradas à medida que a sociedade vai evoluindo. Sobre isto, Ponte (s/d, p.1) afirma que todas as mudanças nas dinâmicas económicas, políticas e sociais provocam profundas mudanças educacionais. Segundo o mesmo autor, essas mudanças assentam em “quatro eixos fundamentais”:

- i. Uma afirmação de novos objetivos curriculares, valorizando não só conhecimentos mas também capacidades, atitudes e valores e, mais recentemente, competências;
- ii. Uma nova organização curricular, em que se destaca a emergência de dimensões curriculares transversais como a formação social e pessoal, a educação para a cidadania ou as novas tecnologias de informação e comunicação;
- iii. Uma nova relação escola-sociedade, onde se evidencia uma acrescida atenção à diversidade cultural; e

- iv. Uma nova organização pedagógica, potenciadora da autonomia, onde se destaca a afirmação da cultura de projeto.

O conceito de didática também acompanhou as mudanças educacionais, segundo Ponte (s/d, p. 3). Numa primeira fase a didática era vista como um conjunto de “métodos e técnicas” específicos de cada área curricular para aplicar no “processo de ensino-aprendizagem”. A fase posterior está relacionada com a inclusão da formação inicial de professores nas instituições de ensino superior, assumindo assim um estatuto mais académico, estimulando a reflexão dos especialistas das áreas específicas do saber. O entendimento mais recente sobre este conceito será o de Ponte (s/d) que defende que atualmente a didática é compreendida como um o estudo de fenómenos educativos:

Neste paradigma, a didática de cada disciplina (ou de cada saber escolar) tem por objeto de estudo os problemas de ensino e aprendizagem dessa mesma disciplina e as respetivas implicações na formação de professores. Este paradigma tem permitido a afirmação da didática como um campo próprio dentro das ciências da educação. (p.3)

De acordo com Proença (1992, p. 96), o professor não deve ser o único detentor do conhecimento, mas sim promover situações diversificadas que estimulem a aprendizagem. A mesma autora defende que o professor deve colocar o aluno “ no centro da didática” pois estará a contribuir “para a construção, progressiva e durável, de conceitos gerais e de atitudes próprias da inteligência ativa”.

Panão (2003, p. 16) afirma que os professores se têm focado mais na aprendizagem intelectual, não dando assim importância a outras aprendizagens, como por exemplo a emocional. De acordo com o mesmo autor, a “New Education Fellowship” (Liga Internacional da Educação Nova) estabeleceu sete princípios que visa contrariar o foco dos professores atualmente. Assim,

- 1.º O fim essencial da educação consiste em preparar o menino para querer e realizar na sua vida a supremacia do espírito crítico; deve, portanto, tender a conservar e aumentar a energia espiritual do menino.
- 2.º Deve respeitar a individualidade infantil, a qual não pode desenvolver-se mais que por uma disciplina que conduz à libertação das potenciais espirituais inatas.
- 3.º Os estudos e a aprendizagem da vida devem deixar curso livre aos interesses espirituais do menino, quer dizer, aos que se despertam nele espontaneamente e se manifestam na atividade manual, intelectual, estética e social.

4.º Cada idade tem carácter que lhe é próprio. Daqui resulta que a disciplina pessoa e coletiva devem organizar-se pelas mesmas crianças em colaboração com os seus mestres; tanto umas como outra devem tender a reforçar o sentimento de responsabilidade individual e coletivo.

5.º Deve desaparecer da educação o sentido de competência egoísta, substituído pelo da cooperação.

6.º Deve praticar-se a educação não fundada no trato idêntico imposto aos dois sexos, mas na colaboração que permita a cada um deles exercer sobre o outro uma influência saudável, de forma livre e espontânea.

7.º A nova educação deve preparar a criança não só como futuro cidadão capaz de realizar seus deveres para com o próximo, a nação e o género humano, como também um ser humano consciente da sua dignidade.

O mesmo autor acrescenta que “a aprendizagem não é só obra do professor, nem apenas do aluno”, os dois devem-se complementar. Para Panão (2003, p.16) “ensinar quer dizer estimular, guiar, orientar ou dirigir o processo da aprendizagem”.

O professor deve conhecer as características da sua turma para que possa aplicar a prática mais adequada à turma. Libâneo (2002, p.4) afirma existirem vários tipos de professores, os mais tradicionais onde “o método de ensino é quase o mesmo para todas as matérias, independentemente da idade e das características individuais e sociais dos alunos. Pode até ser que esse método de passar a matéria, dar exercícios e depois cobrar o conteúdo numa prova, dê alguns bons resultados”, porém esse “tipo de aprendizagem não é duradoura”.

Depois, existem os “que se julgam mais atualizados variam bastante os métodos de ensino. Preocupam-se mais com as diferenças individuais e sociais dos alunos, costumam fazer trabalho em grupo ou estudo dirigido, tentam usar mais diálogo no relacionamento com as crianças, são mais amorosos. Essa forma de trabalho didático é, sem dúvida, bem mais acertado do que a tradicional”. Contudo “acabam tendo um entendimento de aprendizagem parecido com o tradicional. Na hora de cobrar os resultados do processo de ensino, pedem a memorização, a repetição de fórmulas e definições” (Libâneo, 2002, p.4).

Assim cabe ao professor ter conhecimento dos objetivos, conteúdos, métodos e formas organizacionais e aplicar o que for mais apropriado à turma. Libâneo (2002, p.5) declara que a didática “ajuda o professor na direção e organização das tarefas de ensino e da aprendizagem, fornecendo-lhe segurança profissional”, mas “é preciso que o professor tenha clareza das finalidades que tem em mente na educação das crianças”.

1.2. Visita de estudo

A visita de estudo, segundo o Ofício Circular n.º 2, da Direção Regional de Educação de Lisboa (2005, p. 1), “é uma atividade curricular intencionalmente planeada, servindo objetivos para desenvolver/complementar conteúdos de todas as áreas curriculares disciplinares e não disciplinares, de carácter facultativo, cuja operacionalização deverá estar definida no respetivo Regulamento Interno de cada Escola/Agrupamento”. Acrescenta, ainda, que as visitas de estudo devem estar “em consonância com o Projeto Educativo da Escola e com o Projeto Curricular de Escola e de Turma”. (p,2) De acordo com a fonte anteriormente citada, visita de estudo é uma atividade que é “realizada fora do espaço físico da escola ou da sala de aula”(p.1).

Segundo Proença (1992, p. 197), “ a visita de estudo é uma das estratégias que mais estimula os alunos devido ao carácter motivador de saída do espaço tradicional no desenrolar do processo ensino/aprendizagem”. Deve ser lembrado aos alunos que terão a oportunidade de estar em contato com a realidade dos conceitos que estão a estudar, criando, assim, uma interligação entre a teoria (escola) e a prática (realidade).

A visita de estudo deverá ser programada, normalmente, de forma a contemplar locais de visita desconhecidos ou parcialmente desconhecidos dos alunos. Orion, cit. por Freitas (2014, p. 40) “designa esse local que não é familiar aos alunos por “espaço novidade” , conforme podemos observar na ilustração.



Ilustração 1 – Esquema sobre o “espaço novidade”. Orion, cit. por Freitas (2014, p. 40)

Observando o esquema, apercebemo-nos que existem três componentes que estão interligados e que se envolvem com o “espaço novidade”; são eles: o conhecimento prévio, a informação acerca da área a visitar e as experiências em visitas de estudo. Quando o aluno está em contacto com o local a visitar, este relacionará o contexto com os conhecimentos prévios e com a informação que foi prestada pelo professor ou mesmo pesquisada pelo aluno. Faria (2014, p. 40) acrescenta que tendo

em conta o que foi referido anteriormente, “(...) o aluno estará mais ou menos envolvido na visita de estudo, consoante o seu grau de conhecimento e interesse”.

O contacto do aluno com o meio permite aplicar os próprios conhecimentos num contexto mais próximo. Quanto a isto, Mesquita (2013, p. 29) defende que através da visita de estudo o aluno vai “relacionando os conteúdos que poderiam parecer distantes e longínquos em algo vinculado ao seu quotidiano, em algo próximo, observável”.

As visitas de estudo possibilitam melhorar as relações entre professor/aluno e aluno/aluno, pois neste período é muito mais desenvolvida a competência da socialização. Oliveira (2013, p. 1682, cit. por Faria 2014, p.35), afirma que “as visitas de estudo promovem o desenvolvimento das relações interpessoais, consubstanciando-se numa melhoria das relações (...); desenvolvimento de valores e atitudes da sociabilidade, cooperação, respeito e preservação do património histórico, cultural e natural e, desenvolvimento da capacidade de observação, pesquisa e análise”. Freitas (2014, p. 36) acrescenta que este conjunto de valores fazem “parte da cidadania, aspeto que deve ser valorizado em qualquer área da educação”.

A visita de estudo pode ter diferentes finalidades, segundo Proença (1992, p. 198), podendo servir:

- Como “motivação para a aquisição de conhecimentos. Neste caso a visita será o ponto de partida para um estudo mais aprofundado a realizar sobre o tema”.
- Para “esclarecer e complementar conhecimentos, permitindo também aplicar e consolidar os já adquiridos”.
- Como “(...) ponto de chegada e permite concretizar, sintetizar e avaliar conhecimentos já adquiridos”.

Compreendemos que as visitas de estudo podem promover uma ligação entre diferentes conteúdos das diferentes áreas, não sendo assim uma estratégia limitada a uma temática ou área particular. Monteiro (1995, cit. por Rebelo 2014, p.18) acrescenta que “este carácter interdisciplinar proporciona aos alunos a compreensão de que os conhecimentos não são compartimentados (...)”.

Para além das diferentes finalidades que apresentam, as visitas de estudo podem ser implementadas em diversos momentos, tal como afirma Oliveira (2008, p.33, cit por Revelo, 2014, p.20):

No início de uma determinada unidade temática, sendo utilizada como uma atividade que motive os alunos para o estudo de uma nova matéria, fazendo uso de concepções prévias ou ideias resultantes de experiências vivenciadas em situações anteriores, úteis para iniciar a aprendizagem de novos conteúdos programáticos (Del Cármen e Pedrinaci, 1997);

A meio da unidade temática, contribuindo como “ferramenta” de reestruturação para favorecer a mudança conceptual, orientando os alunos para a colocação de questões úteis para aprofundar conhecimentos (Tal, 2001);

No término da unidade temática, como sistematização de todo um conjunto de conhecimentos adquiridos na sala de aula e posteriormente aplicados no entendimento de situações difíceis de reproduzir nesse mesmo contexto (Dilon, 2006; Lakin, 2006; Kisiel, 2005; Rickinson et al, 2004; Tal, 2001).

Segundo Rocha (2014), existem cinco tipos de visita de estudo: as globalizantes que “favorecem a compreensão da realidade na sua totalidade” e uma “abordagem interdisciplinar dos diferentes conteúdos programáticos; as monográficas que “têm um carácter especializado” que “visam abordar um aspeto específico de um tema ou disciplina”. Também existem as de carácter expositivo que “remetem os alunos para um papel passivo”, normalmente utilizado quando um tema já tenha sido lecionado; as de descoberta “incidem na atividade de descoberta/método de estudo dirigido e as orientadas – por um conjunto de questões-resposta” ou “por fichas de registo ou guias de observação”; por fim, existem as guiadas que dispõem de características particulares e “incidem no processo de transmissão do saber. Um professor ou um funcionário da instituição são os guias da visita; o número de alunos deve ser reduzido; a sua duração deve ser curta; as explicações devem ser breves”.

1.2.1. Planeamento e realização da visita de estudo

Seguindo as diretrizes presentes no Ofício Curricular n.º 2 da Direção Regional de Educação de Lisboa (2005, p.2), “as visitas de estudo devem constar da planificação do trabalho letivo de cada disciplina, Departamento, do Conselho de Turma e respetivo Projeto Curricular, respeitando os seguintes itens:

- Razões justificativas da visita;
- Objetivos específicos;

- Guiões de exploração do (s) local (ais) a visitar;
- Aprendizagens e resultados esperados;
- Regime de avaliação dos alunos e do projeto;
- Calendarização e roteiro da visita;
- Docente a envolver (o rácio professor/aluno deverá variar com a idade dos alunos sendo que o ponto 5 do Despacho N.º 28/ME/91, de 28 de março considera adequados os seguintes (1 docente por cada 10 alunos nos 1º e 2º ciclos; (...))
- Apresentação obrigatória de um Plano de ocupação/proposta de atividades para os alunos não participantes na visita de estudo ou intercâmbio escolar ou cujos professores se encontram integrados numa visita;
- Data da aprovação da visita de estudo/ intercâmbio escolar em Conselho Pedagógico;
- Data da reunião de pais para aprovação e autorização da participação dos educandos na respetiva atividade.”

Tendo em conta os tópicos apresentados anteriormente, no início do ano letivo o professor deve já ter planeada a visita de estudo, para que esta seja aprovada e conste do programa de atividades a desenvolver na sua turma/escola. Muito embora o plano de atividades ser um documento aberto a qualquer proposta de atividade, nomeadamente a visita de estudo.

Para realizar uma visita de estudo é necessário ter em atenção todos os procedimentos. Para que tal aconteça é importante que a visita esteja enquadrada curricularmente, posto isto, e segundo Faria (2014, p.36), é necessário delinear os objetivos, toda a logística inerente e garantir a aprovação institucional e pedagógica, é igualmente necessário que o professor esteja bem preparado cientificamente, para o caso de ter de dar resposta a dúvidas apresentadas pelos alunos. A mesma fonte (2014, p.38) apresenta um esquema elaborado por Freitas (2000, pp 63- 74), em que sintetiza os passos que no seu entender devem envolver as visitas de estudo.

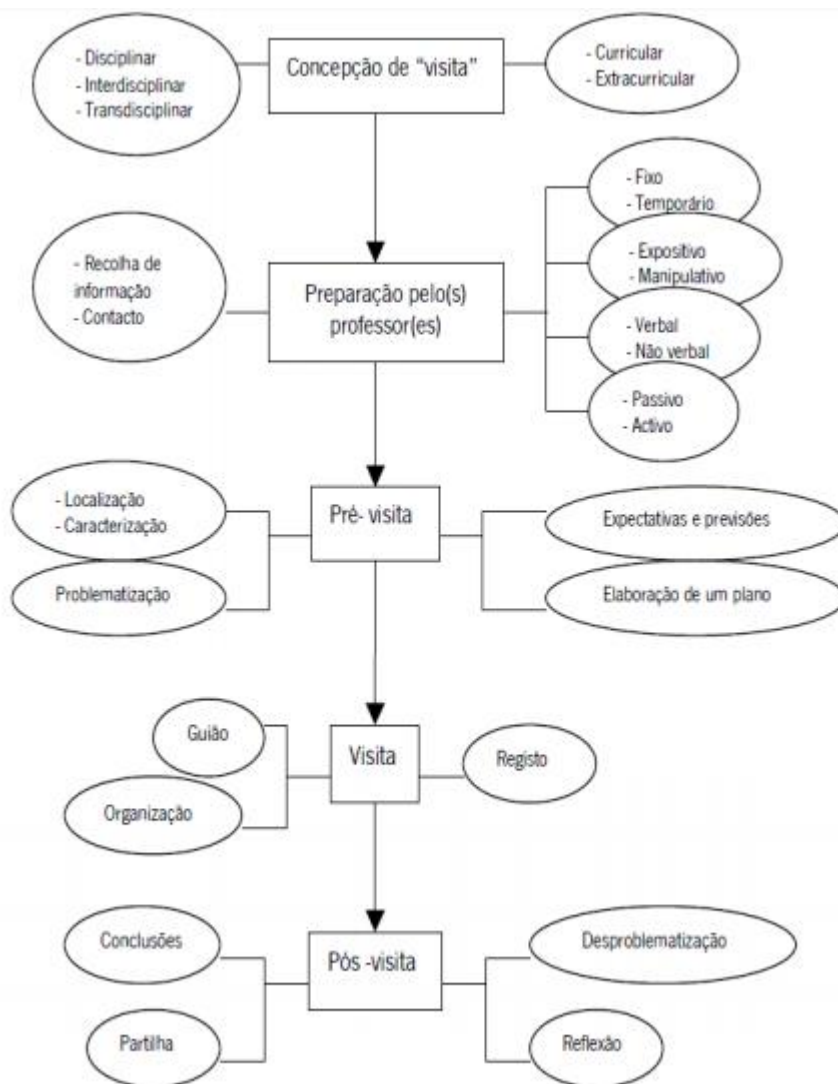


Ilustração 2 – Esquema sobre as diversas etapas das visitas de estudo.

A partir deste esquema compreendemos que o primeiro passo que um professor deve dar é definir o propósito da visita. De seguida, o docente deverá recolher toda a informação inerente ao local da visita de estudo e definir o seu papel, o qual poderá ser: fixo; temporário; expositivo; manipulativo; verbal; não-verbal; passivo; ativo. Posteriormente deverá ultimar os últimos pormenores que permitiram a construção do guião da visita. Após a visita deverá ser feita uma reflexão que permita aos alunos tirarem conclusões.

É importante o professor ter o conhecimento sobre as potencialidades do local, procurando entender quais os conteúdos programáticos das diferentes unidades curriculares que o local pode proporcionar. Ou chegar à conclusão que, afinal, o local escolhido não serve para abordar os conteúdos que tinha definido.

Na preparação da visita, o professor deve ter em atenção o planeamento, a implementação e a avaliação. Com efeito, deve estabelecer logo no início o objetivo que pretende atingir com a visita de estudo, a fim de escolher o local mais apropriado. Deve igualmente estabelecer o que pretende que os alunos façam durante a visita e no final desta. Segundo Proença (1992, p. 200) “a preparação envolve aspetos pedagógicos, relacionados com a definição dos objetivos, escolha do local e a seleção da metodologia”. A execução implica a própria visita ao local, a avaliação poderá ser feita a partir de questionários, debates, exposições, entre outras.

O professor deve dar a conhecer aos alunos os propósitos da visita de estudo e disponibilizar momentos para que eles possam fazer as suas próprias investigações. Com isto terão um conhecimento prévio sobre o local que irão visitar. Pode ainda ser partilhado com os alunos a elaboração de materiais de apoio, para serem utilizados durante a visita, como guiões entre outros. De acordo com Reis (2009, p.2), “durante a visita, os alunos deverão explorar recursos disponíveis e recolher informação diversa que constitua um bom ponto de partida para a posterior realização de atividades de investigação e aprofundamento na sala de aula”. A forma de como recolhem a informação deve ser partilhada antes da visita de estudo, para que estejam preparados os materiais que o professor querará utilizar.

Durante a visita, o professor deve ter um desempenho ativo, procurando interagir com os alunos com o objetivo de focar a atenção das crianças para pormenores ou para lhes explicar algo que na sua opinião deve ser referido.

Para que haja um impacto nas aprendizagens adquiridas durante as visitas de estudo, deve haver um trabalho após as visitas de estudo - a avaliação. Esta é tão importante como a realização da visita de estudo, e o professor deve desenvolver atividades em que os alunos podem aplicar os conhecimentos. Proença (1992, p. 200) apresenta alguns instrumentos utilizados como atividades de avaliação: “Relatórios, questionários, debates, trabalhos complementares, cartazes, exposições, concursos de fotografia, diaporamas, autoavaliação, entre outras”. O mesmo autor acrescenta que “(...) algumas atividades a que se poder decorrer, durante ou no fim da visita, e que contribuem para a consolidação e aplicação dos novos conhecimentos.

Através da avaliação o professor é capaz de averiguar eventuais dúvidas que os alunos tenham e que durante a visita não se sentiram à vontade de esclarecer.

A organização da visita de estudo deve tem como principal foco potencializar o processo de ensino e motivar os alunos para as aprendizagens. Este tipo de atividade

dá espaço a que os alunos apropriem valores fundamentais para a vida em sociedade, bem como memórias que facilitaram lembrar conteúdos programáticos.

1.2.2. Dificuldades e obstáculos à realização de visitas de estudo

Nesta investigação já tivemos a oportunidade de verificar que a visita de estudo tem impacto. A motivação dos alunos para as aprendizagens depende muitas vezes do contexto e da forma de como a visita é planeada e concretizada.

Apesar de a visita de estudo ser vista como uma estratégia benéfica e que deve ser utilizada com maior frequência, não é essa realidade que se verifica nas escolas portuguesas. Carvalho (2012, p. 20) aponta como uma das razões para esse facto os custos económicos que esta estratégia poderá ter, “os órgãos de gestão das escolas impõem cada vez mais restrições à concretização desta atividade, limitando o seu número a uma visita por ano letivo, de preferência que assuma um carácter inter ou multidisciplinar”. Esta limitação impede que os professores optem por locais diferentes aos que tinham inicialmente pensado, o que por vezes leva a alteração de locais alterados por locais que não estão muito relacionados com o conteúdo programático em vista.

O mesmo autor, anteriormente referenciado, aponta como outra causa para a diminuição do número de visitas realizadas em Portugal, o facto de “os professores têm vindo a assistir a um aumento da sua componente letiva e não letiva e do número de alunos por turma”. Acrescenta ainda que associada a esta situação está o trabalho burocrático que têm que realizar e que leva a que tenha menos tempo “necessário para planificar convenientemente esta atividade”. (2012, p. 20)

Outra dificuldade apontada por Carvalho (2012, p. 21), é o recrutamento do número necessário de “docentes para acompanhar os alunos, pois estes, como têm de faltar em virtude da sua participação na visita, necessitam de elaborar propostas de atividades para os alunos não envolvidos na deslocação. Como isso implica um acréscimo de trabalho e dificulta o cumprimento do programa (...)”, esta situação leva a que muitos professores rejeitem participar numa visita de estudo, “inviabilizando a sua concretização”.

Segundo Carvalho (2012, p. 21), a forma de como os alunos encaram as visitas de estudo relevam muito o sucesso desta. “Muitas vezes os estudantes encaram as visitas de estudo como um dia sem aulas, (...). Com efeito, é frequente o extravio do

roteiro da visita, elaborado pelo professor, (...) limitando-se, muitos alunos, a copiar a partir de outros colegas as tarefas solicitadas”. Afirma ainda que há um significativo número de alunos que “não entrega o roteiro e a maioria dos restantes deixa-o muito incompleto, e quando são chamados a avaliar a atividade, a maior parte dos discentes aponta como aspetos mais positivos da experiência educativa os momentos de convívio com os colegas (...)”.

É importante refletir sobre os constrangimentos mencionados e encontrar medidas que possam reverter esta situação. Caso contrário estamos a descartar os benefícios na utilização desta estratégia de ensino – aprendizagem.

1.3. Estudo do Meio

Roldão (1995, p.9) afirma que é recente a existência “de uma área curricular vocacionada para o estudo e compreensão da realidade envolvente”. Ao contrário dos países como Portugal e Espanha, os países anglo-saxónicos, escandinavos e Estados Unidos da América, têm segundo esta autora uma “tradição curricular neste domínio, numa área abrangente vulgarmente designada por Social Studies”. (p.9). Refere também que, nos Estados Unidos, os Estudos Sociais surgem no início da escola pública devido à diversidade de identidades e acrescenta que “o estudo da comunidade, do meio físico e social, das características económicas, dos valores, crenças e tradições da sociedade local, bem como dos grandes eventos da recente história nacional, assumia naquele contexto um significado particular”.

Segundo Roldão (1995, p. 10), no início do século XX, ainda sob os progressos da ciência positivista, “valorizavam as abordagens experimentalistas, a observação objetiva, a recolha de dados de acordo com o método experimental clássico, cujas virtudes se associavam bem a áreas de estudo – em que o aluno era levado a observar o seu meio envolvente, a realizar experiências, a desenvolver atividades exploratórias práticas”.

Dewey (cit. por Rodão, 1995, p. 10), aponta vantagens para o estudo do meio próximo, como forma de promover uma aprendizagem ativa:

A descrição de Dewey do desenvolvimento “progressivo” da aprendizagem, definindo o “saber como fazer” como o primeiro passo necessário no processo de aquisição de conhecimento, dá origem a uma noção determinada e algo restrita de aprendizagem ativa. (...) Segundo

esta perspectiva as crianças deveriam manipular materiais antes de lidarem com outro género de abstração ou reflexão, deviam explorar fisicamente o meio local para se compreenderem “a si próprias e ao mundo”, deveriam adquirir conhecimentos sobre a comunidade local antes de obterem informações sobre diferentes mundos e povos.

Ainda no início do século XX, de acordo com Roldão (1995, p.10), o estudo do meio próximo ligava-se para “uma conceção de educação dirigida para valores de participação social e intervenção do cidadão na sua comunidade, para a qual se considerava que esta área podia constituir um instrumento formativo.”

A mesma autora acentua outra linha de cariz mais sociológico, que destaca “a importância do estudo do meio local” numa lógica onde é desenvolvido no aluno “competências de análise da sociedade em que está integrado, funcionando a comunidade local como um pequeno laboratório em que se podem exercitar mais facilmente as competências de ação e ensinar modos de intervenção”. (1995, p.12)

Nas décadas de 1960 e 1970, afirma Roldão (1995, p.12), existiam alguns movimentos curriculares que propunham a “promoção das competências científicas dos alunos nos vários domínios do saber, defendiam a adoção, na aprendizagem escolar, dos conceitos, estruturas e métodos das disciplinas científicas, tal como eram praticadas pelos próprios cientistas”. Assim resultou:

(...) o reforço das metodologias de aprendizagem por descoberta e por análise direta do real, baseadas largamente na reprodução das etapas do método científico pelos alunos, o que reconduziu a prática pedagógica a um enfoque preferencial o meio local. Recomendava-se que se centrassem todas as atividades de pesquisa, a descoberta, a prática da observação e da experimentação na realidade envolvente, porque diretamente experienciável pelo aluno. (p.13)

A mesma autora defende que o estudo e a compreensão do meio auxilia na “consolidação da identidade pessoal e social, através da construção e reforço de sentimentos de identificação e pertença”. Permite, assim, que a criança se situe e se reconheça como elemento de diversos grupos sociais, (p.13).

O programa de Estudo do Meio aponta para uma progressão dos conteúdos a abordar que se inicia com a exploração do meio mais próximo até ao contexto mais alargado - mais longínquo. A partir de 1974, nos programas de Estudo do Meio os conteúdos relativos à história têm vindo a reduzir. Começaram por incidir nos “grandes

momentos da História de Portugal (formação da nacionalidade, etc.), passando com a Reforma curricular de 1990 a limitar o estudo do passado – para além do passado individual e familiar”. “Reforça-se assim, não só a restrição do estudo de temas do passado, mas o localismo que caracteriza todo o programa, dentro da lógica do alargamento progressivo. (Roldão, 1995, p.14/15)

Segundo Roldão, (1995, p.15), o programa de Estudo do Meio deve passar pela autoanálise feita pelo aluno, isto significa que ele deve começar por uma análise de si próprio – “o meu corpo, a higiene do meu corpo, a minha segurança, as minhas características pessoais, etc.”- para que seja mais fácil “compreender do que idênticos aspetos quando observados nos outros que nos rodeiam ou em outros porventura distantes e exteriores à comunidade em que está inserido”. A mesma autora conclui afirmando que o Estudo do Meio deve ser olhado:

como uma área de abertura para o mundo, para a diversidade da realidade física e social, para a riqueza de conhecimentos e experiências que possam fazer «crescer» no aluno a compreensão do mundo em que vive e a que pertence, ampliar as suas experiências e diversificar o seu universo de referências. (1995, p.17)

O Estudo do Meio provoca nas crianças um grande interesse e empenho, possibilitando a articulação com outras áreas de conteúdo, como confirma o programa do 1.º CEB (2004, p. 101), que diz que pode “ser motivo e motor para a aprendizagem nessas áreas”. Roldão (1995, p.31) afirma que, “esta área tem potencialidades para funcionar como eixo estruturador do currículo do 1.º ciclo, oferecendo um conjunto de conteúdos temáticos que permitem, numa gestão bem organizada, articular integradamente aprendizagens das restantes áreas”.

Mesquita (2013, p.30), afirma que o ensino que possibilita ao aluno o contacto com o património cultural e a partilha, permite que ele seja o principal agente “na estruturação da aprendizagem e na construção do conhecimento”. Para que isto aconteça, segundo a autora, “é necessário privilegiar estratégias e experiências de aprendizagem que promovam a construção de esquemas cognitivos e, fundamentalmente, o desenvolvimento de competências, rejeitando, assim, uma atitude pedagógica que fomente a total memorização dos conhecimentos”. Proença (1992, p. 196) sublinha que “a exploração do meio através de pequenas investigações (...) possibilita pôr em prática uma série de métodos e técnicas didáticas, com relevo para o ensino pela descoberta”.

Proença (1992, p. 197) acrescenta que “o contacto direto com as fontes históricas contribui decisivamente (...) para uma correta iniciação ao método de

pesquisa histórica e para a formação do espírito científico”. Contribui ainda para um “conhecimento e respeito pela preservação do património histórico – cultural”.

A opção de escolha do professor em relação ao tipo de ensino que exerce pode condicionar a exploração do património por parte dos alunos. Abordar património cultural através do ensino tradicional, isto é, através da exposição do professor sobre o conteúdo e ao que este proporciona dentro da sala de aula, vai contra ao que acreditam Manique e Proença. (1994, p.57). Estes autores afirmam que “não é o património que tem que vir à Escola mas, ao contrário, é a Escola que deve ir ao encontro do património, torná-lo objeto específico de estudo, estabelecer diálogo entre a comunidade escolar e o meio envolvente, valorizar as realidades patrimoniais no contexto ambiental em que se inserem”. (1994, p.57)

De acordo com o programa do Estudo do Meio para o 1º Ciclo do Ensino Básico (2004, p.101), as crianças na faixa etária dos 6 aos 10 anos de idade veem o mundo como um todo. Assim, o Estudo do Meio “é apresentado como uma área para a qual concorrem conceitos e métodos de várias disciplinas científicas como a História, a Geografia, as Ciências da Natureza, (...), procurando-se, assim, contribuir para a compreensão progressiva das inter-relações entre a Natureza e a Sociedade”.

No programa, o Estudo do Meio, está organizado em seis blocos de conteúdos: à descoberta de si mesmo; à descoberta dos outros e das instituições; à descoberta do ambiente natural; à descoberta das inter-relações entre espaços; à descoberta dos materiais e objetos; e à descoberta das inter-relações entre a natureza e a sociedade.

Segundo o Programa do 1.º Ciclo do Ensino Básico (2004, p. 102) “a ordem pela qual os blocos e os conteúdos são apresentados obedece a uma lógica, mas não significa que eles sejam abordados, com essa sequência na sala de aula”. Sendo assim um documento aberto e flexível, os professores devem ser capazes de recriar o programa com a finalidade de “atender aos diversificados pontos de partida e ritmos de aprendizagem dos alunos, aos seus interesses e necessidades e às características do meio local”.

O programa de Estudo do Meio do 1.º Ciclo (2004, p.102) pretende que todos os alunos se tornem “observadores ativos com capacidade para descobrir, investigar, experimentar e aprender”. Assim, os alunos devem ter familiaridade com “situações diversificadas de aprendizagem que incluam o contacto direto com o meio envolvente, da realização de pequenas investigações e experiências reais na escola e na comunidade (...)”.

De acordo com o mesmo documento, o professor tem o dever de orientar, proporcionar instrumentos e técnicas que auxiliam os alunos a construir o seu próprio conhecimento. Assim, pretende-se que os alunos sejam capazes de organizar e estruturar a informação “de forma que ela se constitua em conhecimento”.

2. ESTUDO E METODOLOGIA

2.1 Questão e objetivos da investigação

A Investigação científica tem como objetivo encontrar respostas para um problema colocado, deste modo é necessário escolher a questão-problema antes de iniciar o estudo e daí desenvolver todo o estudo. Tal como afirma Cardoso (2015, p.2), “não é possível começar a investigação enquanto o problema não for identificado, analisado e definido de uma maneira operacional”.

Nesta investigação, as questões problema são as que se seguem:

- Qual a perspetiva do professor do 1.º CEB em relação à visita de estudo como uma estratégia de ensino-aprendizagem?
- Qual o grau de envolvimento dos alunos na sua conceção?
- O envolvimento dos alunos desenvolve de alguma forma a promoção do conhecimento?

Segundo Proença (1992, p. 96) o professor não deve ser o único detentor do saber/conhecimento. Deve, sim, ser capaz de promover situações de aprendizagem, ou seja utilizar “novos métodos de ensino” tendo como objetivo “desenvolver capacidades nos alunos. A mesma fonte acrescenta que o professor deve optar pela utilização de métodos ativos que, colocando o aluno no centro da ação didática, contribuem para a construção, progressiva e durável, de conceitos gerais e de atitudes próprias da inteligência ativa”.

Esta investigação pretende averiguar qual a perspetiva dos professores em relação à visita de estudo enquanto estratégia de ensino e saber se existe um contributo para as aprendizagens das crianças quando estas participam nas mesmas. Assim procurar-se-á dar resposta às seguintes questões:

- Qual é a perspetiva que os professores do 1º CEB têm sobre a visita de estudo como estratégia de ensino-aprendizagem?

- Como é preparada a visita de estudo para o 1º CEB?
- Qual a participação das crianças na preparação e execução da visita de estudo?
- De que modo o envolvimento das crianças numa estratégia de ensino-aprendizagem pode desenvolver nelas o conhecimento?

2.2. Metodologia

Segundo Gil (2008, p.8), o método científico é um “conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento”. Afirmo ainda que, para que “o conhecimento possa ser considerado científico, torna-se necessário identificar as operações mentais e técnicas que possibilitam a sua verificação”. Para o desenvolvimento do estudo empírico realizámos uma investigação qualitativa. Contudo, e sempre que os dados o permitiam, utilizámos análise e tratamento de dados estatístico.

De acordo com Freixo (2009, p.156) o processo investigativo passa por três fases, “a fase conceptual, a fase metodológica e a fase empírica”. O autor sugere que na primeira etapa seja formulado o problema da investigação, para de seguida haver uma revisão da literatura, elaborar um quadro de referência, enunciar os objetivos e formular as hipóteses de investigação. Gil (2008, p. 33) declara que segundo a aceção “o problema é qualquer questão não solvida e que é objeto de discussão, em qualquer domínio do conhecimento”.

Os professores atualmente deparam-se com muitas preocupações, entre as quais que tipo de estratégia devem utilizar perante um conteúdo e perceber qual a que mais se adequa ao seu grupo de alunos. A visita de estudo é uma estratégia de aprendizagem que normalmente está presente no plano anual de atividades. Assim, nesta investigação pretendemos dar resposta as questões-problema supramencionadas no ponto 2.1.

Gil (2008, p. 35) chama atenção para o facto do problema exposto poder “ser relevante para um poder não ser para outro” e a escolha do problema “está relacionada indubitavelmente aos valores de quem a julga”.

Na fase metodológica, ou seja a segunda etapa, inclui todos os elementos que segundo Freixo (2009, p.177) “ajudam a conferir à investigação um caminho ou direção”. É elaborado um desenho da investigação, onde são selecionados os métodos e

procedimentos que mais se adequam na obtenção de respostas à investigação. Nesta fase são também definidos a população e amostra e os instrumentos apropriados para a recolha de informação.

A terceira fase é denominada chamada por fase empírica, e é nesta etapa que são recolhidos os dados, segue-se uma interpretação e reflexão e, posteriormente, são comunicados.

2.2.1.Participantes

Os participantes para o nosso estudo fazem parte do Agrupamento do Concelho de Esposende. Os professores deste agrupamento mostraram recetividade e interesse por esta temática, sendo que 47 responderam aos questionários e 5 disponibilizaram-se para uma entrevista.

Na seguinte tabela (I) estão apresentados os professores participantes nas entrevistas.

Tabela 1 – Caracterização dos professores.

Professores	Tempo de serviço
Entrevistado A	27 (a nível de prática 28)
Entrevistado B	13
Entrevistado C	28
Entrevistado D	36
Entrevistado E	28

2.3. Técnicas e instrumentos de pesquisa

A nossa investigação tem como principais propósitos: perceber tudo o que envolve uma visita de estudo, desde a sua preparação, execução e avaliação e compreender a posição dos professores relativamente ao tema “visita de estudo”.

Este estudo foi do tipo qualitativo, pese embora utilizou-se métodos quantitativos sempre que tal se justifique. Estas duas técnicas de recolha de dados embora tenham

diferentes objetivos podem-se complementar, segundo Morse (1994, p. 225) cit. por Vieira (1995, p. 73), “o investigador qualitativo pode recorrer a técnicas quantitativas, quando necessita de responder a questões específicas”.

De acordo com os autores McMillan e Shumacher (1989, p. 14) “a investigação quantitativa apresenta resultados estatísticos em termos numéricos; a investigação qualitativa apresenta os dados de uma forma mais descritiva”. Nesta investigação o recurso utilizado foi o questionário.

Nesta investigação foram utilizados dois instrumentos para a recolha de dados: questionários e entrevistas. Estes dois instrumentos permitem obter informação pertinente, porém devem ser bem pensados e elaborados.

A entrevista foi outro instrumento empregue seguindo a investigação qualitativa onde deve ser tomada, segundo os autores, citados anteriormente, “em consideração a subjetividade na análise e interpretação de dados” (1989,p.15)

Latorre et al. (2003, citado por Osório e Meirinho, 2010), afirma que o paradigma qualitativo “rege-se dentro da lógica que guia as sucessivas etapas de recolha, análise e interpretação da informação dos métodos qualitativos”.

Neste tipo de investigação é importante utilizar vários instrumentos, para que seja possível uma análise mais profunda e completa dos resultados. Segundo Fragoso (2004, citado por Osório e Meirinho, 2010) o investigador deve assegurar-se, ao longo do estudo, de que os métodos e técnicas de recolha de informação são utilizados de forma a obter informação suficiente e pertinente. Porém é necessário que o investigador esteja atento à elevada informação que pode obter neste tipo de estudo.

O investigador, quando utiliza a investigação qualitativa, deve ter em conta as estratégias que o auxiliam na seleção de informação importante para o seu estudo.

O questionário utilizado na investigação designa-se por questionário autoaplicado, pois foi apresentado por escrito. Segundo Gil (2008, p. 128), o questionário é uma “ técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo como objetivo o conhecimento de opiniões (...) expectativas, situações vivenciadas etc.”

Numa investigação, é importante estar ao corrente das vantagens e desvantagens que as técnicas de recolha de dados têm. De acordo com Gil (2008, p. 128), o questionário “possibilita atingir grande número de pessoas, mesmo que estejam dispersas numa área geográfica muito extensa, já que o questionário pode ser enviado

pelo correio; implica menores gastos com o pessoal, posto que o questionário não exige o treino dos pesquisadores; garante o anonimato das respostas; permite que as respostas o respondam no momento em que julgarem mais conveniente; não expõe os pesquisadores à influência das opiniões e do aspeto pessoal do entrevistado”.

Por outro lado, o questionário tem algumas desvantagens. Gil (2008, p.129) refere que existe a possibilidade de as pessoas não devolverem o questionário corretamente preenchido, “envolve geralmente, número relativamente pequeno de perguntas, porque é sabido que questionários muito extensos apresentam alta probabilidade de não serem respondidos”, entre outras. Este instrumento permitiu recolher algumas informações que revelam a perspetiva do professor sobre a temática em estudo.

A entrevista é um instrumento que faculta uma interação direta. O investigador tem como principal objetivo obter informações, que podem ser úteis à sua investigação. O investigador deve ser muito zeloso na preparação da entrevista, pois se for mal preparada pode condicionar a recolha de dados para o estudo.

Segundo Lakatos (1996), citado por Quaresma e Boni (2005, p.72), a pessoa que queremos entrevistar deve estar familiarizada com o tema, deve ser previamente elaborado um roteiro com as questões que pretendemos ver respondidas na entrevista e o investigador nunca se deve esquecer do principal objetivo para o qual a entrevista será feita. As perguntas devem ser claras para que os entrevistados as possam compreender, devendo assim ter uma linguagem familiar com a população em estudo. É importante que haja uma sequência, criando uma linha de pensamento ao entrevistado.

É relevante que durante a entrevista o investigador vá transmitindo sinais ao entrevistando, para que este se sinta confortável e com confiança em responder às questões. O facto de o entrevistador ter conhecimento integral do roteiro que planeou previamente, é um ponto fundamental para que a entrevista seja bem concebida. Quaresma e Boni (2005, p.78) acrescentam que (...) “perguntas claras favorecem respostas também claras e que respondem aos objetivos da investigação”.

Segundo as autoras acima mencionadas existem vários tipos de entrevistas sendo as mais utilizadas nas Ciências Sociais: a entrevista estruturada, semiestruturada, aberta (...).

Na entrevista estruturada, as perguntas são previamente formuladas e o investigador tem a preocupação de as seguir rigorosamente. Segundo Lodi, 1974

Lakatos, 1996 (cit. Quaresma e Bodi (2005, p. 73), “o principal motivo deste zelo é a possibilidade de comparação com o mesmo conjunto de perguntas e que as diferenças devem refletir diferenças entre os respondentes e não diferença nas perguntas”.

As entrevistas abertas tem uma abordagem mais exploratória, onde o entrevistado tem mais liberdade para falar sobre o tema apresentado. Segundo Quaresma e Boni (2005, p.74), o entrevistador deve interferir o mínimo possível, assumindo uma “postura de ouvinte e apenas em caso de extrema necessidade, ou para evitar término precoce da entrevista, pode interromper a fala do informante”.

Para a presente investigação utilizei a entrevista semiestruturada. A principal característica deste tipo de instrumento de recolha de dados, é a existência de perguntas abertas e fechadas, que dão alguma liberdade ao entrevistado de falar sobre o tema do estudo. De acordo com Quaresma e Boni (2005, p. 75), “O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha “fugido” ao tema ou tenha dificuldades com ele”.

Nas entrevistas que realizei, utilizei o gravador do telemóvel para registar de forma áudio as respostas dadas pelos entrevistados, posteriormente transcrevi tudo o que foi dito durante a entrevista.

2.4. Procedimentos

Primeiramente foi efetuada uma deslocação à sede do Agrupamento em Esposende, para marcar uma reunião com o Presidente deste Agrupamento. No dia marcado, o Presidente mostrou satisfação de uma investigação ser feita no Agrupamento e por esta ser feita por uma pessoa da região. Ficou combinado enviar-lhe um (email) correio eletrónico (em anexo) para que numa reunião do Conselho Pedagógica, que ia acontecer por aqueles dias, fosse apresentado aos coordenadores das escolas.

Após o encontro com o Presidente do Agrupamento foi efetuada a deslocação a cada escola para entregar os questionários e combinar a data da recolha dos mesmos.

Durante a visita a cada escola, foi perguntado aos professores se estariam disponíveis para uma entrevista, caso a resposta fosse afirmativa era combinada a data para a mesma ser realizada.

Todos os professores tomaram conhecimento de que os questionários e as entrevistas tinham garantia de confidencialidade e anonimato, foram também informados de que não eram obrigados a participar neste estudo. Assim, os professores que participaram nas entrevistas foram designadas por letras de A a E.

3. Análise e discussão de dados

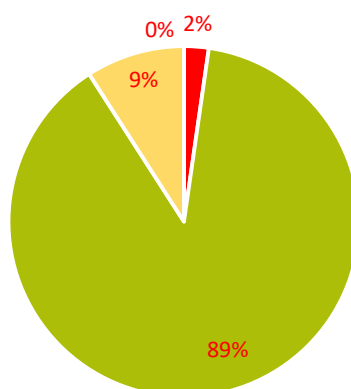
Nesta etapa serão apresentadas partes das respostas dos entrevistados, sendo que em anexo estarão as entrevistas na íntegra.

Para a leitura adequada e de fácil interpretação, os dados foram organizados num gráfico circular. Abaixo de cada gráfico está presente uma análise e reflexão sobre os resultados.

Posteriormente aos gráficos, encontra-se a análise às entrevistas. Em primeiro foi apresentada uma tabela com as ideias-chave das respostas, de seguida uma reflexão aos dados obtidos das respostas.

Nas deslocações realizadas às escolas do Agrupamento houve sempre bom acolhimento. Os professores mostraram-se interessados no tema da investigação. Os professores do 1º Ciclo do Ensino Básico que participaram no estudo tinham em média 24 anos de serviço, a sua maioria com licenciatura.

Gráfico I - Na sua opinião, qual é o principal impacto que uma visita de estudo pode provocar nos alunos?

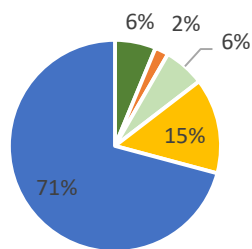


- Aumento dos saberes académicos
- Aumento do conhecimento/ cultura geral
- Melhoria das relações interpessoais
- Não tem impacto

Observando o gráfico I verificamos que 89% dos inquiridos consideraram que as visitas de estudo aumentam os conhecimentos e a cultura geral nos alunos; 9 % afirmam que esta metodologia melhora as relações interpessoais. Já uma minoria defende que as visitas de estudo não têm qualquer impacto nos alunos.

Com isto podemos constatar que a maioria dos professores consideram que onde as visitas de estudo têm mais impacto é no aumento do conhecimento/cultura geral.

**Gráfico II - Em que áreas realizou mais visitas de estudo?
(pode colocar um X numa ou mais respostas)**



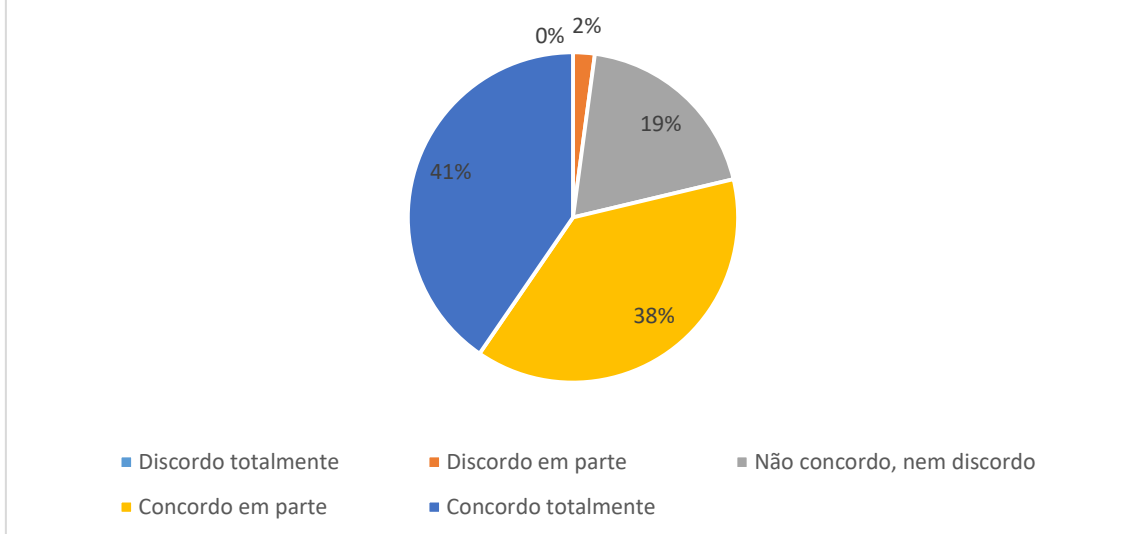
- Português/Estudo do Meio/ Expressões
- Português/ Matemática/ Estudo do Meio/ Expressões
- Português/ Estudo do Meio
- Estudo do Meio/ Expressões
- Estudo do Meio/ Expressões

Analisando o gráfico verificamos que 71% dos professores inquiridos afirmaram que a área onde realizou mais visitas de estudo foi a área de Estudo do Meio; 15% dos inquiridos executou mais visitas de estudo nas áreas de Estudo do Meio e Expressões; 6 % referem que as áreas onde realizou mais visitas de estudo foi em Português e Estudo do Meio. Já 6 % afirmam ter realizado mais visitas de estudo nas áreas de Português, Estudo do Meio e Expressões. Dos inquiridos, 2% realizou mais visitas de estudo nas áreas de Português, Matemática, Estudo do Meio e Expressões.

Após a análise do gráfico verificamos que a área de Estudo do Meio está presente em todas as visitas de estudo realizadas. Esta opção dos professores baseia-se nas metas traçadas pelo Ministério da Educação, onde é promovida a observação direta por parte dos alunos às questões ambientais, históricas, entre outras. Levar os alunos ao contexto real permite, se for o caso, identificar e reconhecer espécies florestais da sua região, reconhecer as “principais atividades produtivas nacionais”, etc. (Ministério da educação, 2004, Programa de Estudo do Meio para o Ensino Básico. Edição 4.)

Apesar da área de Estudo do Meio ser a que mais é abordada nas visitas de estudo dos inquiridos, não deixa de ser possível haver uma interação de um conteúdo nas diferentes áreas. Pacheco (2000, cit. por Marques, 2012, p. 22) acrescenta que “a interdisciplinaridade curricular representa o ideal da formação integrada, aspirando a acabar com as fronteiras estanques entre várias disciplinas e a encontrar uma transdisciplinaridade, isto é, a existência de um axioma comum às várias disciplinas”.

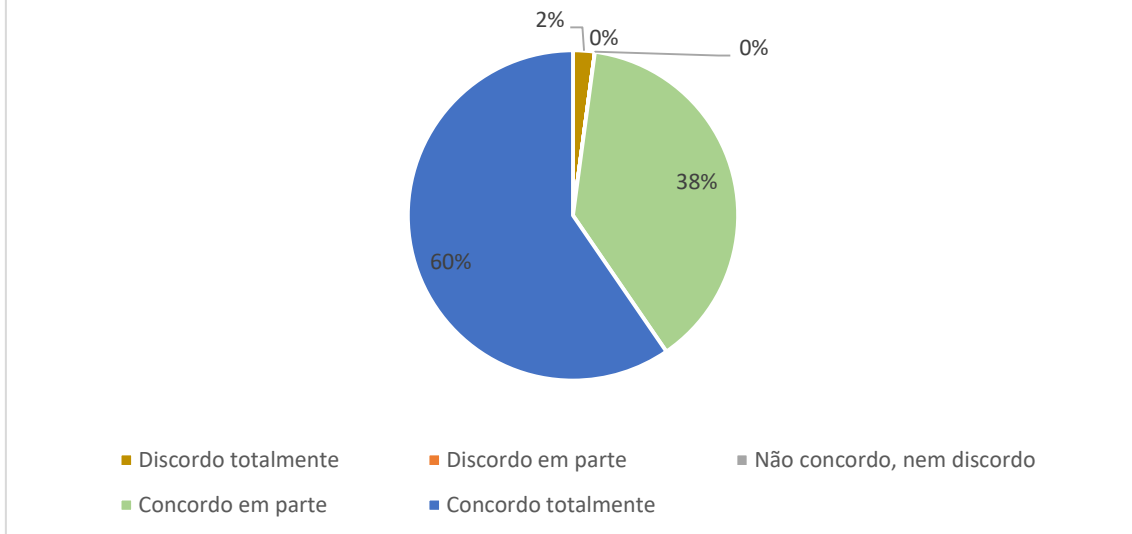
Gráfico III - As visitas de estudo permitem incentivar os alunos para as atividades experimentais?



A partir do gráfico observamos na perspectiva de 41% dos inquiridos que as visitas de estudo permitem incentivar os alunos para as atividades experimentais. Dos inquiridos 38% concordam em parte. Já 19% nem concordam, nem discordam com a afirmação. 2% dos inquiridos têm dúvidas em relação à verdade da questão, discordando em parte da mesma.

Podemos inferir do gráfico que a maioria dos inquiridos declara que as visitas de estudo permitem incentivar os alunos para as atividades experimentais. De acordo com o programa do 1.º CEB cabe ao professor diversificar as suas práticas, segundo a mesma fonte devem ser utilizados “alguns processos simples de conhecimento da realidade envolvente (observar, descrever, formular questões e problemas, avançar possíveis respostas, ensaiar, verificar), assumindo uma atitude de permanente pesquisa e experimentação”. (Ministério da educação, 2004)

Gráfico IV - As visitas de estudo permitem motivar os alunos para determinados conteúdos.

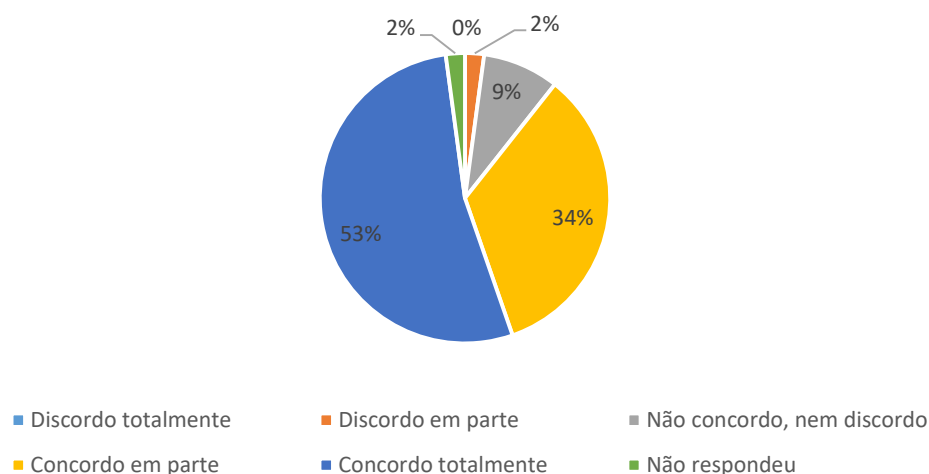


Podemos inferir do gráfico que 60% dos professores inquiridos declara que as visitas de estudo permitem motivar os alunos para determinados conteúdos; 38% dos inquiridos concordam em parte; 2% dos inquiridos afirmam que as visitas de estudo não permitem motivar os alunos para determinados conteúdos.

Posteriormente à análise do gráfico concluímos que a maioria dos inquiridos acha que a realização de visitas de estudo é uma estratégia que possibilita motivar os alunos em determinados momentos da aprendizagem.

Tem impacto diversificar as estratégias de ensino, bem como o local e os materiais. Caso essa variedade de experiências práticas e teóricas não se verificar poderá provocar no aluno desinteresse, em alguns casos dificuldades em compreender a definição do conceito e atingir os objetivos para a temática em questão.

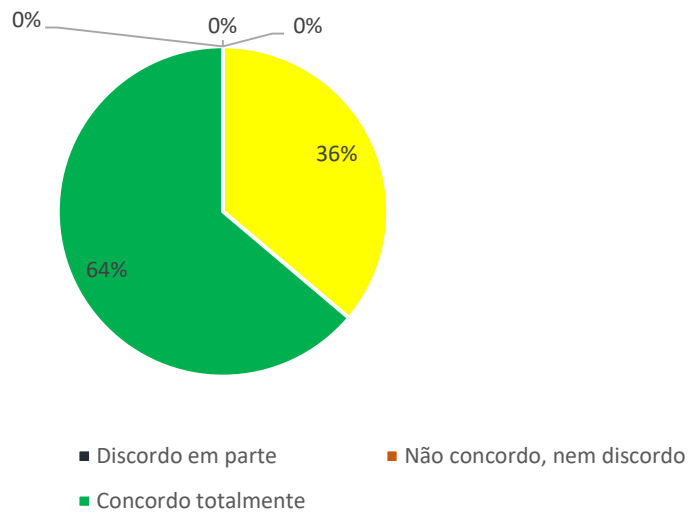
Gráfico V - As visitas de estudo permitem realizar experiências que não podem ser concretizadas dentro da sala de aula.



Observando o gráfico verificamos que 53% dos inquiridos declaram que as visitas de estudo permitem realizar experiências que não podem ser concretizadas em sala de aula. Com 34% dos inquiridos afirmam que concordam em parte com a afirmação apresentada. Enquanto 9% dos inquiridos afirmam nem concordar, nem discordar. Já 2% dos inquiridos afirmam discordar em parte.

A partir do gráfico concluímos que a maioria dos professores inquiridos afirma que com as visitas de estudo é possível realizar experiências que em sala de aula não é possível exercitar. A partir de atividades relacionadas com o “meio físico (o ar, a água, as rochas, o solo)”, é possível estimular e encorajar os alunos a levantar questões e a procurar respostas “utilizando todos os sentidos, a recolha de amostras, sem prejudicar o ambiente, promovendo assim a observação direta.” (Ministério da educação, 2004)

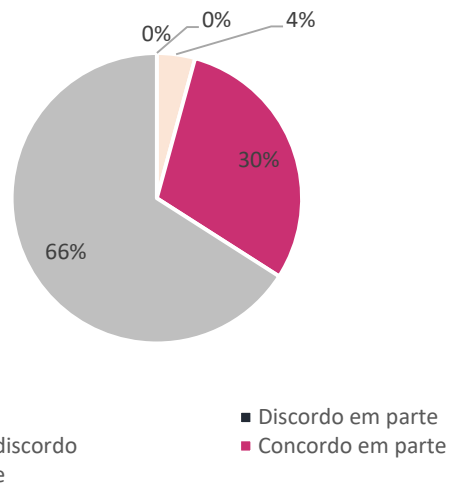
Gráficos VI - As visitas de estudo permitem desenvolver o espírito crítico dos alunos.



A partir do gráfico observamos que 64% dos inquiridos afirmam que as visitas de estudo permitem desenvolver o espírito crítico dos alunos, enquanto 36% concordam em parte com a afirmação.

Podemos retirar do gráfico a conclusão de que através das visitas de estudo é possível levar os alunos a confrontar e a questionar o conhecimento prévio e a alcançar ou validar aprendizagens.

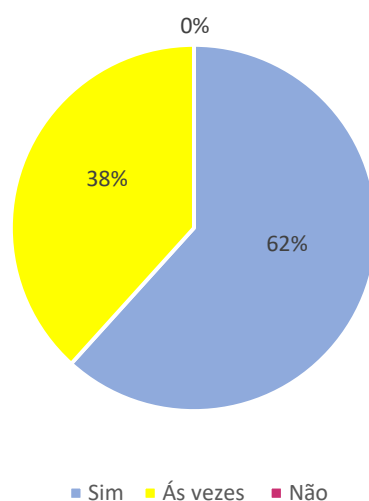
Gráficos VII - As visitas de estudo permitem observar o comportamento dos alunos fora do contexto de sala de aula.



Analisando o gráfico verificamos que 66% dos inquiridos declaram que através das visitas de estudo podemos observar o comportamento dos alunos. Com 30% dos inquiridos constatamos que concordavam em parte com a afirmação, enquanto 4% dos inquiridos nem concordam, nem discordam.

De acordo com o gráfico e com outros dados recolhidos para a investigação concluímos que o comportamento dos alunos pode ou não variar de acordo com o contexto onde se encontram. Cabe ao professor estar atento às mudanças positivas ou menos positivas que podem justificar eventuais alterações do desempenho escolar do aluno.

Gráfico VIII - No final de uma visita de estudo faz uma avaliação aos seus alunos?



Ao observarmos o gráfico constatamos que 62% dos inquiridos afirmam avaliar os seus alunos após a realização de uma visita de estudo. Já 38% declara que nem sempre faz avaliação aos seus alunos.

O trabalho que é desenvolvido após as visitas de estudo é muito importante, já que a avaliação permite ao professor verificar os conhecimentos e as dúvidas dos alunos. A avaliação pode ser feita de diversas formas; os debates, os cartazes e os trabalhos de grupo são os mais utilizados pelos professores inquiridos.

Ao analisar a resposta dos professores quanto à forma como se procede à avaliação, chegámos à conclusão de que a maioria dos professores utiliza mais de que um instrumento de avaliação. 9% dos inquiridos procede à avaliação através de debates e trabalhos em grupo; 7% dos inquiridos realizam a avaliação através de debates, trabalhos em grupo, cartazes e fichas de trabalho. Também 7% dos inquiridos afirmaram que a avaliação é feita utilizando debates, trabalhos em grupo e cartazes. Outros 7% dos inquiridos declaram utilizar relatórios como instrumento de avaliação. Já 4% dos professores participantes do estudo declaram que após a visita, a avaliação é feita através de relatórios, debates, trabalhos em grupo, cartazes, exposições e fichas de trabalho. Outros 4% dos inquiridos efetuam a avaliação após a visita de estudo através de relatórios, questionários, debates, trabalhos em grupo, cartazes, exposições e fichas de trabalho. Também 4% afirmam utilizar os questionários e os trabalhos de grupo como forma de proceder a avaliação.

Concluimos que existem diversas formas de avaliar um aluno após a visita de estudo, cabendo ao professor optar por aquela que mais se adequa ao grupo de alunos e ao tema da visita de estudo.

Depois de refletirmos sobre os resultados apresentados nos gráficos, observamos que o Estudo do Meio é a área mais referida pelos participantes do estudo, onde realizam visitas de estudo. Porém poderá haver situações onde outras áreas estejam presentes.

De acordo com os dados, verificamos que os professores veem a visita de estudo como uma possível estratégia para incentivar, motivar os alunos para determinadas experiências e conteúdos de aprendizagem, e através destes momentos desenvolver o espírito crítico. Acrescentam ainda que a estratégia em estudo permite concretizar momentos que em sala de aula não era possível.

Reforçam ainda a ideia de que é necessário algum trabalho e uma avaliação após a realização da visita de estudo. Os professores afirmam que utilizam vários instrumentos para concretizar a avaliação, entre os quais o trabalho de grupo e os debates.

Entrevistas

Esta fase é acompanhada pela exposição e reflexão das respostas dadas pelos cinco professores que participaram nas entrevistas. Segue-se uma tabela com as respostas organizadas em categorias e as palavras/frases que destacamos como palavras-chaves que cada professor disse sobre cada tópico. Em anexos, encontra-se as entrevistas transcritas.

Nome:	Categorização:						
	Tipo de ensino	Parecer	Intuito	Envolvimento dos alunos	Impacto nas aprendizagens dos alunos	Limitações	Objetivos da Visita de Estudo
Entrevista A	- “Tenta ser o menos tradicional possível, embora o tradicional também tenha importância”.	- “Visitas de estudo mais como lazer”	- Aprofundar	- Sim, por vezes elaboram perguntas previamente; - Durante a visita registam o mais importante num bloco de notas que levam.	- “Quando eles gostam aquilo fica”;	- Escola a tempo inteiro - Horários diferentes	- Consolidar um conteúdo; - Promover o bem-estar entre todos, momentos alegres e divertidos.
Entrevista B	- Práticas desafiantes.	- “Uma mais-valia”	- Consolidar	- Sim, por vezes elaboram perguntas previamente; - Durante a visita tomam notas ou registam fotograficamente.	- “Quando são bem preparadas tem um grande impacto nas aprendizagens”	- Muitas metas - Muitos objetivos	- Introduzir um tema; - Consolidar um conteúdo.
Entrevista C	- Ensino construtivo, “(...) levar os alunos a descobrir e a tirar conclusões (...)”.	- “Mais contacto com a realidade”	- “Conhecer mais	- Elaboram questões - Debates e trabalhos de grupo - Promove o diálogo e a interação	- “Aumentam e aprofundam os conhecimentos”	- Transporte	- Convívio - Socialização

Entrevista D	- “Tipo de ensino em que os alunos possam intervir, muita participação deles, muito diálogo, muita abertura e não aquela forma muito tradicional”.	- “Muito importante”	- Consolidar o conteúdo	- Preparam o material para tirar notas - Criam pequenos questionários	- É mais significativo a aprendizagem no contexto	- Transportes - Questões monetárias - Logística	.- Saber estar
Entrevista E	- Ensino interativo, experimental	- Proporcionam vivências e aprendizagens diferentes	- Trabalhar um tema	- Pesquisa sobre o tema	- Positivo - “Aprendem mais facilmente”	- Transporte - Dinheiro	- “Satisfazer as curiosidades” - Proporcionar aprendizagens em diferentes locais

Os professores entrevistados declaram gostar da profissão que exercem, apesar de terem momentos em que se sentem desmotivados, devido ao trabalho burocrático e ao cumprimento do programa.

Através das entrevistas, podemos verificar que os professores entrevistados privilegiam um ensino onde o aluno é o principal interveniente na construção do seu conhecimento. Valorizam a inovação nos métodos, onde o principal objetivo é ir de encontro às características de cada aluno, porém defendem também o valor do ensino chamado de tradicional.

As visitas de estudo, segundo os entrevistados, possibilitam aos alunos observar, ver, tocar e interagir com pessoas que poderão ter mais à vontade e conhecimento sobre o tema da visita, por exemplo os guias. Esta estratégia permite, segundo o professor C, o contacto com a realidade, o professor D acrescenta que “é muito mais importante do que estarmos em sala de aula, apesar de termos recursos e recorrer à imagem acho que no local tem outro impacto. O professor A faz referência à evolução da perspectiva que se tem sobre as visitas de estudo, já passou por ser só de lazer, depois seguiu-se “uma vertente de lazer mais cultural ligada com as aulas”(....) “Neste momento , não sei se é por as crianças estarem muito presas na escola os nossos passeios finais do ano, por exemplo, já voltou a ser mais recreativa, mas eu acho que podem coexistir as duas coisas, pode-se aprender sempre alguma coisa, a diversão também é importante são crianças”.

A maioria dos professores organiza visitas de estudo no sentido de consolidar o conteúdo. Porém o professor D entende que é um pouco de tudo, não é algo estanque, pois podem aprender muito para além do tema da visita.

O professor acrescenta que os alunos “aprendem a socializar, a estar, para além da aprendizagem em si, estarem a observar, também há outros fatores, a maneira de como se comportam, como intervêm, como questionam, como colocam dúvidas”.

Cada visita de estudo dispõe de objetivos particulares, de acordo com cada conteúdo, mas existem objetivos em comum em todas as visitas de estudo. O convívio e a socialização foram os mais destacados pelos professores, para além da possibilidade em satisfazer curiosidades dos alunos e oferecer-lhes vivências em locais que alguns poderão não ter a oportunidade de se deslocarem até lá de outra maneira.

Na preparação da visita de estudo, os professores vão ao encontro do que foi referido pelo professor D; os alunos envolvem-se numa exploração prévia, na construção de um guião, em pesquisas, entre outros, com a finalidade dos alunos

estarem motivados e preparados para colocar questões na visita de estudo. O professor B acha prudente fazer uma análise prévia dos locais que os alunos já foram, uma espécie de levantamento, acrescenta que em conjunto com a turma são elaborados os objetivos que se propõem a atingir naquela visita de estudo.

O professor A tem a opinião de que no 1.º período não é frequente haver visitas de estudo. Os restantes defendem que as visitas de estudo devem acontecer sempre que seja conveniente, o professor C dá um exemplo: “este ano, no 1.º período fiz duas visitas de estudo integradas no tema da História de Portugal, foi uma visita ao Castro de S. Lourenço e outra ao Castelo de Guimarães e pronto aquilo só fazia sentido se fosse feito naquela altura, não interessava dar agora no fim do ano, quando já não se lembravam de metade das coisas”. Os professores ouvidos acham que as visitas de estudo fazem mais sentido quando estão relacionadas com o conteúdo que estejam a trabalhar, por esta razão é que este tipo de estratégias devem ocorrer ao longo de todo o ano letivo.

Durante a visita de estudo existem aspetos que devem ser tidos em conta; o sujeito A entende que no decorrer da visita os alunos devem tirar notas e ter uma postura participativa. O professor B entende que, o essencial é a vontade dos alunos em querer aprender, sendo que isso pode passar através da motivação e da participação ao longo da atividade. Para além da motivação, da atitude e da participação, o professor D acrescenta que é necessário ter atenção ao comportamento, ao cumprimento de regras, pois segundo o mesmo são fulcrais para se enquadrarem a cada espaço. Acrescenta também a necessidade de verificar se os objetivos são atingidos.

Os professores A, B e E concordam que as visitas de estudo são um grande contributo para as aprendizagens dos alunos, porém defendem que só têm efeito se forem bem preparadas. Na opinião do professor C, as visitas de estudo “aumentam e aprofundam os conhecimentos de uma forma mais interessante, de uma forma mais curiosa, de uma forma mais motivadora”. De acordo com a mesma fonte, atualmente é mais difícil motivá-los para qualquer aprendizagem, por isso acha necessário haver uma mudança nas práticas. O professor D acredita que a deslocação dos alunos ao contexto aproxima-os à realidade, possibilita-os: “questionar, observar”. Após a visita, na sala de aula, é feito um trabalho necessário para verificar as aprendizagens retiradas e esclarecidas dúvidas, para tal o professor D tem por hábito promover o trabalho em grupo, através de debates, o mesmo sujeito defende que “normalmente é através do debate em contexto de sala de aula, dão as opiniões deles, fazem questões, as observações, há crítica e autocritica e ao mesmo tempo um avaliar o que cada um

sentiu, o que gostou mais, o que correu bem e menos bem, uma espécie de avaliação, um momento de reflexão e depois passa a registo normalmente na área da expressão”.

Todos os sujeitos entrevistados, têm a mesma opinião sobre a importância da visita de estudo comparativamente a outras estratégias. São da opinião de que se os alunos estiverem envolvidos nas várias etapas da visita de estudo, esta terá influência sobre os alunos. Por exemplo, o professor A concorda que haja “um trabalho antes, mas sobretudo depois”, porque caso não haja “perde-se tudo, tem de haver uma linha entre as saídas e o trabalho na sala de aula, quer seja antes, durante ou no fim”. Os entrevistados acreditam que as visitas de estudo possibilitam um entendimento mais aproximado de um conteúdo à realidade.

Em suma, todos os professores entrevistados acreditam que as visitas de estudo são uma mais-valia para estimular a aprendizagem dos alunos. Porém apenas a realização das visitas de estudo não chega. É necessário um trabalho em equipa (professores/alunos) na preparação, na execução e após as visitas de estudo, para que haja efetivamente uma aprendizagem resultante da visita de estudo.

4. Conclusão

Depois de analisadas as respostas provenientes dos instrumentos de recolha de dados utilizados, verificamos que os professores consideram as visitas de estudo como um contributo para a aprendizagem dos seus alunos. Acrescentam que não basta realizar as visitas, é importante e necessário a existência de algum trabalho na preparação, no decorrer e após a realização da mesma.

Todo o trabalho que envolve uma visita de estudo deve ser feito pelos professores, complementado pela participação ativa dos alunos. De acordo com os participantes do estudo, esta parceria levará a que haja uma maior motivação e interesse pela atividade por parte do aluno. O aluno estará ainda mais “aberto” a novas aprendizagens e estímulos que serão uma mais-valia para a sua formação académica e pessoal.

A maioria dos professores participantes desta investigação admite envolver os alunos na preparação das visitas de estudo. A participação dos alunos é feita através da pesquisa na internet sobre os locais que vão visitar (pontos de interesse), mas também na preparação do material (logístico) necessário, como por exemplo: vestuário. Um professor acrescenta que permite aos alunos a sua participação na elaboração de objetivos a alcançar com a visita de estudo. Outros docentes dizem que é feito um

levantamento de ideias, dúvidas, curiosidades que os alunos querem esclarecer. Por vezes são elaboradas tarefas relacionadas com o tema da visita de estudo, não especificadas nas respostas.

Em relação ao que acontece durante a visita de estudo, foram poucos os professores que afirmaram que os alunos recolhem e registam informações no decorrer da atividade. Os que disseram que era feita uma recolha de informação, declararam que esta era feita através de registo de notas/apontamentos e registos fotográficos ou colocando questões.

O trabalho que é desenvolvido depois da visita de estudo é muito importante, tal como afirmam os professores participantes, poderá ser mais fácil para o aluno relembrar um conteúdo porque foi feito algo diferente. Este trabalho pode ser feito com a realização de debates, trabalhos de grupo, exposições, entre outros. A maioria dos professores valorizam em grupo pois defendem que através deste os alunos mais tímidos têm a oportunidade de ver as suas dúvidas esclarecidas não só pelo professor, mas sobretudo pelos próprios colegas. Através do trabalho que é feito após a visita de estudo é possível que os alunos esclareçam dúvidas, que por algum motivo não ficaram elucidados com a visita, possibilita também que os conteúdos abordados não sejam esquecidos.

A partir das afirmações dos professores, deparamos que a maioria olha para as visitas de estudo como uma estratégia de consolidação. Porém esta poderá ser concretizada também para iniciar um novo conteúdo ou servir como avaliação, como já foi citado na sustentação do conceito – visitas de estudo.

Com este trabalho deparamo-nos com as reais dificuldades que as escolas enfrentam na realização das visitas de estudo. Os professores apontaram como principais obstáculos: as dificuldades económicas dos encarregados de educação; a disponibilidade do autocarro; o transporte de crianças com mobilidade reduzida; a calendarização compatível com os horários, extenso programa que devem cumprir. Os participantes deste estudo afirmam que estas dificuldades logísticas levam a que os professores realizem cada vez menos as visitas de estudo.

Conclusão geral

Com o relatório final de estágio tive a oportunidade de refletir sobre as práticas supervisionadas, bem como todas as aprendizagens que daí surgiram. A partir das práticas de ensino supervisionadas, pude observar o impacto que a interação professor-educador/aluno/alunos têm nas relações sociais e na formação da criança como cidadã individual. E compreender que a organização de espaços, tempo, e a seleção dos materiais podem influenciar a dinâmica do grupo e a concretização das estratégias.

O curso de mestrado deu-me a possibilidade de aplicar conceitos abordados, observando e refletindo sobre o impacto que estes tiveram na aplicação em contexto real. Tive também a oportunidade de estar em contacto com dois níveis diferentes mas que se complementam, a educação pré-escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico, ajustando os conhecimentos ao nível de ensino e às características individuais dos alunos/crianças.

O trabalho desenvolvido em todo o curso de mestrado permitiu que me sentisse mais preparada para realizar esta investigação, onde tive que aplicar métodos, reger-me por capacidade de pesquisa e síntese, aliada a necessidade de reflexão.

Neste estudo procurámos refletir sobre a perspetiva dos professores do 1º. Ciclo do Ensino Básico em relação às visitas de estudo como estratégia de ensino. Procurámos na segunda parte da investigação dar resposta às questões por nós colocadas na introdução deste trabalho.

Com esta investigação percebemos que os professores veem as visitas de estudo como um contributo para aprendizagem dos seus alunos, porém não basta ir às visitas é necessário existir um trabalho na preparação, no decorrer e após.

Através deste estudo, compreendemos que tudo o que nos rodeia deve ser visto como uma gama de possibilidades para a aprendizagem, não só em relação aos conteúdos programáticos presentes no currículo, como também elementos que contribuem para a formação integral de um aluno que será um cidadão ativo no futuro.

Relativamente à forma como as visitas de estudo são preparadas, os professores inquiridos defendem que é um passo muito importante e que não deve ser esquecido. Afirmam que na preparação é necessário definir os propósitos aos quais queremos ver alcançados, deve haver ainda uma previsão por parte do professor sobre tudo o que envolve uma visita de estudo.

Todos os professores participantes no estudo valorizam o envolvimento dos alunos na preparação da visita de estudo, sustentando que a deslocação ao local é um fator de motivação para os mesmos.

A terceira questão que este estudo procurou dar resposta foi: É importante a participação das crianças na preparação, execução e reflexão da visita de estudo? De que forma pode ser feito? Após a análise dos dados recolhidos junto dos professores participantes, concluímos que estes são da opinião que é sempre positivo e essencial envolver e promover a participação dos alunos na construção da sua aprendizagem. Relativamente à preparação da visita de estudo, os alunos podem participar através da definição dos objetivos a que a visita se propõe responder; na preparação dos materiais de recolha de dados durante a visita, porém os professores acham que esta envolvência dos alunos deve ser cuidadosa e não com muita informação, isto porque os alunos poderão perder a motivação e o interesse pela atividade, visto não verificarem a utilidade de irem pois poderão pensar que mais nada irão apreender.

Os professores participantes no estudo defendem a necessidade do trabalho após a visita de estudo, pois segundo os mesmos as visitas de estudo poderão não usufruir o efeito desejado se não existir qualquer trabalho.

Apesar dos professores verem nas visitas de estudo uma estratégia importantíssima, deparam-se com entraves que levam a que realizem cada vez menos as visitas de estudo. Um dos entraves apontados é o extenso programa que os professores são obrigados a cumprir, acresce ainda as dificuldades económicas que prejudicam o transporte. Alguns professores confessam que realizavam mais vezes se a escola atualmente se encontrasse noutra situação.

Para nós foi muito importante a realização desta investigação, pois permitiu-nos refletir sobre as práticas supervisionadas que tivemos, mas também foi possível saber mais sobre as visitas de estudo, tudo o que implica esta estratégia de ensino. Apercebemo-nos assim das dificuldades que a escola atual enfrenta e as razões que levam a que os professores não realizem com mais frequência a estratégia de ensino explorada nesta investigação.

Em suma, a visita de estudo é uma estratégia de ensino muito positiva mas que sozinha pode não ter o efeito que é desejado, depois de realizada deve haver um trabalho contínuo. É nosso desejo que num futuro próximo haja mudanças que possibilitam a prática desta estratégia com mais frequência.

Esta investigação complementa todo o trabalho desenvolvido ao longo do mestrado, contribuindo assim para a minha formação pessoal e profissional, onde as etapas conquistadas conduziram a uma maior consciência da necessidade de reflexão e investigação.

Referências bibliográficas

- Alarcão, I. (s/d). *Ser professor reflexivo*. Obtido de http://alemdasletras.org.br/biblioteca/artigo_especializados/Ser_professor_reflexivo_Isabel_Alarcao.pdf
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Boni, V. & Quaresma, S.J. (2005). Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. *Revista eletrônica dos Pós-graduados em sociologia política da UFSC*. 2 (1).
Obtido de: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/18027/16976>
- Cardoso, A. (2015). *Do problema à estratégia de investigação*. Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º CEB. Viseu: ESEV.
- Carvalho, C. (2012). *Visitas de estudo virtuais: contributos para uma outra aprendizagem da História na era da sociedade da informação* (Dissertação de mestrado). Obtido de https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=27943&pi_publicacao_id=
- Carveiro, C. & Iolanda, F. (2007). *A educação Pré-escolar face aos desafios da sociedade do futuro*. Porto: Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.
- Decreto – Lei n.º 43/ 2007 de 22 de fevereiro, que aprova o regime jurídico da habilitação profissional para a docência na educação pré-escolar e nos ensinos básicos e secundário.
- Decreto- Lei n.º 5/ 97 de 10 de fevereiro, define a educação pré-escolar como primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida.
- Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de agosto que aprova os perfis específicos de desempenho profissional do educador de infância e do professor do 1.º CEB
- Decreto-Lei n.º 3/ 2008 de 7 de janeiro que define os apoios especializados a prestar na educação pré-escolar e nos ensinos básico e secundário dos setores público, particular e cooperativo.
- Escola Superior de Educação de Viseu. (2012). *Regulamento do segundo ciclo de estudos em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico*.

- Faria, A. (2014). *Visitas de estudo um desafio pedagógico no ensino da história*. (Dissertação de mestrado). Obtido de <http://www.portaldoconhecimento.gov.cv/bitstream/10961/3502/1/Ana%20Rita%20Faria.pdf>
- Ferreira, A. & Mota, L. (2009). *Do Magistério Primário a Bolonha. Políticas de Formação de professores do ensino primário*. *Educação/formação*, 69-90. Obtido em <http://www.exedrajournal.com/docs/01/69-90.pdf>
- Freixo, M. J. V. (2009). *Metodologia Científica-Fundamentos Métodos e Técnicas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social* (6ª ed.) São Paulo: Atlas.
- Herdeiro, R. & Silva, A. (2008). Práticas reflexivas: uma estratégia de desenvolvimento profissional dos docentes. In *ANAIS (Actas) do IV Colóquio Luso-Brasileiro, VIII Colóquio sobre Questões Curriculares: Currículo, Teorias, Métodos*. 2, 3 e 4 de Setembro de 2008. Brasil: Universidade de Santa Catarina
- Libâneo, J. (2002). *Didática, velhos e novos temas*. Edições do Autor, Goiânia.
- Lima, L.C. (1997). *Para o estudo da evolução do ensino e da formação em administração educacional em Portugal*. *Revista da Faculdade*, São Paulo, 23 (1/2), 91 – 123. Obtido de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/34959/1/Artigo%20Revista%20USP%201997%20LCL.pdf>
- Marques, A. (2012). *A interdisciplinaridade em sala de aula, no 1.º ciclo do ensino básico*. Faro: Universidade do Algarve.
- Meirinhos, M. & Osório, A. (2010). O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. *EDUSER: revista de educação*, 2 (2). Obtido de <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3961/1/O%20estudo%20de%20caso%20como%20estrat%C3%A9gia%20de%20investiga%C3%A7%C3%A3o%20em%20educa%C3%A7%C3%A3o.pdf>
- Mesquita, A. (2013). *Lugares de memória no ensino da história contemporânea*. 2.º Ciclo de estudos em História contemporânea. Porto: Universidade do Porto.

Ministério da Educação (2004). Programa de Estudo do Meio para o Ensino Básico. Edição 4.

Ministério da Educação (2016). Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar. Lisboa: Ministério da Educação, DGE.

Ofício circular n.º2. 2005 – 01 – 04. Visitas de estudo ao estrangeiro e em território nacional, intercâmbios escolares, passeios escolares e colónias de férias. Acessível em <http://www.multiway.org/media/files/documentos/visitas-estudo-docs/legislacao2005sobreviagensescolares.pdf>

Panão, E. (2003). *Didática Segundo Reynaldo*. Estarreja: Edição do autor.

Ponte, P.J. (s/d). *Didáticas: Que desafios?*. Lisboa: Universidade de Lisboa.

Portugal, G. (2009). *Para o educador que queremos, que formação assegurar? Educação/formação, 9-24*. Obtido de <http://www.exedrajournal.com/docs/01/9-24.pdf>

Proença, M. (1992). *Didática da História*. Lisboa: Universidade aberta.

Reis, P. (2009). *Kit pedagógico – Estudo do Meio: Propostas para planeamento, exploração e avaliação de visitas e museus e centros de ciência*. Texto. Obtido em: <http://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/718/1/KIT-Visitas-a-centros-de-ciencia-e-museus.pdf.pdf>

Revelo, B. (2014). *Visitas de estudo: uma estratégia de aprendizagem*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades.

Rocha, J. (2014). Notas de campo da aula de Didáticas Específicas II, do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º CEB. Viseu: ESEV.

Roldão, M. (1995). *O Estudo do Meio no 1.º Ciclo fundamentos e estratégia*. Lisboa: Texto Editora.

Roldão, M. C. (2013). *Do “eduquês ao “ignorantês”...* [Texto publicado no Facebook]. Obtido em <https://www.facebook.com/ceu.roldao/posts/725226470869767>

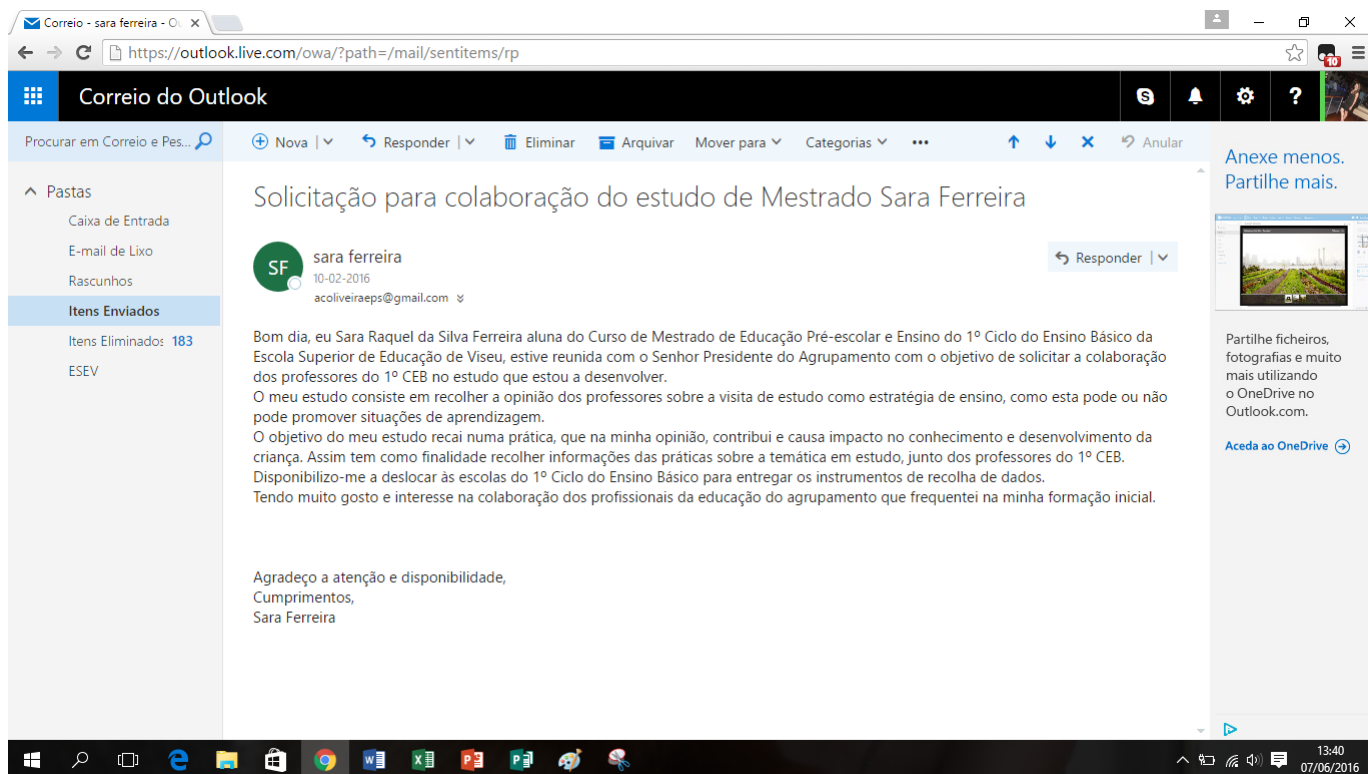
Silva, E. (2000). *Património e Identidade*. Lisboa: Edições Universidade Fernando Pessoa. Obtido de <http://bdigital.ufp.pt/handle/10284/1713>

McMillan, J. H. & Shumacher, S. (1989). *Research in education: A conceptual introduction*. Glenview: Scott, Foresman and Company.

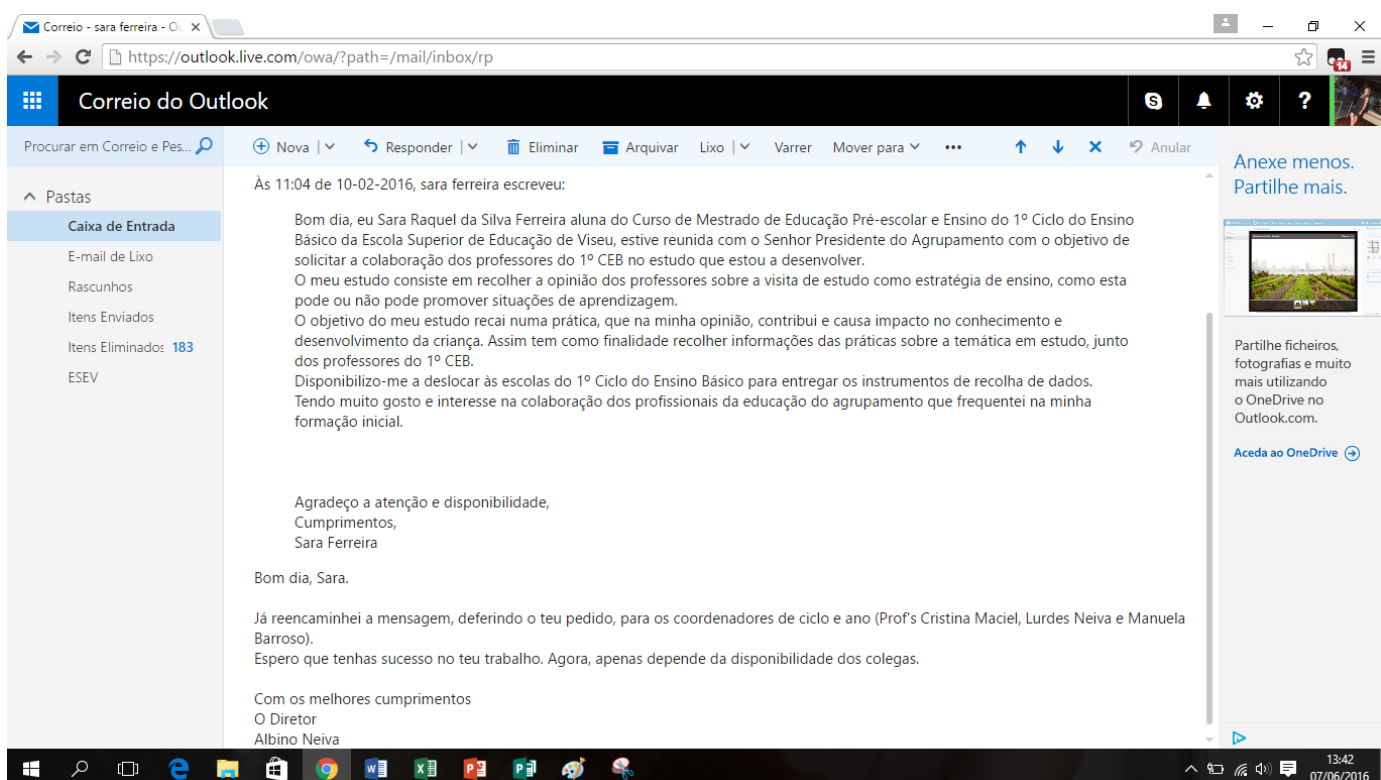
Tradução/adaptação de McMillan, J. H. e Shumacher, S. (1989). *Research in education: A conceptual introduction*. Glenview: Scott, Foresman and Company.

Vieira, C. M.C. (1995). *As Técnicas Quantitativas e Qualitativas de Recolha de Dados (Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica)*. Coimbra: Universidade de Coimbra.

Anexo 1- Correio eletrónico enviado ao Presidente do Agrupamento de Escolas



Anexo 2- Resposta do Presidente do Agrupamento de Escolas ao correio eletrónico anterior.

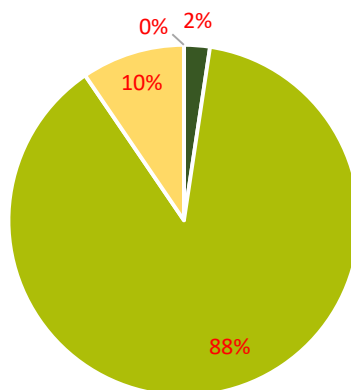


Anexo 3 – Guião de entrevista

Blocos	Objetivos específicos	Para um formulário de perguntas	Observações
A) Legitimação da entrevista e motivação	Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado	<ol style="list-style-type: none"> 1. Dar conhecimento sobre os propósitos do trabalho de investigação: Visitas de estudo. 2. Solicitar a colaboração do professor neste estudo, uma vez que o seu contributo é essencial. 3. Assegurar o anonimato e a confidencialidade das informações prestadas. 	Tempo médio 2-5 min.
B) Profissão	Conhecer o entrevistado enquanto professor	<ol style="list-style-type: none"> 1. Tomar conhecimento do seu grau de satisfação enquanto profissional da educação. 2. Saber quais os anos de experiência profissional. 3. Perguntar ao entrevistado qual o tipo de ensino que é privilegiado nas suas práticas 	Tempo médio 2 – 6 min.
C) Visitas de estudo	Verificar se as visitas de estudo fazem parte das estratégias de ensino que utiliza	<ol style="list-style-type: none"> 1. Conhecer a sua opinião sobre as visitas de estudo. 2. Saber com que objetivos realiza uma visita de estudo. 3. Saber se nas diferentes visitas de estudo há objetivos em comum. 4. Pedir que diga quais os pontos que devem ser tidos em conta na preparação de uma visita de estudo. 	Tempo médio 2- 10 min.
D) Visitas de estudo	Conhecer a envolvência dos alunos	<ol style="list-style-type: none"> 1. Saber se o aluno participa na preparação da visita de estudo. 2. Questionar se os alunos registam a informação que vão recolhendo durante a atividade. 3. Conhecer a opinião do professor sobre o impacto que uma visita de estudo pode ter nos alunos. 4. Perceber quais os aspetos que o professor valoriza durante a visita de estudo 	Tempo médio 2- 10 min.

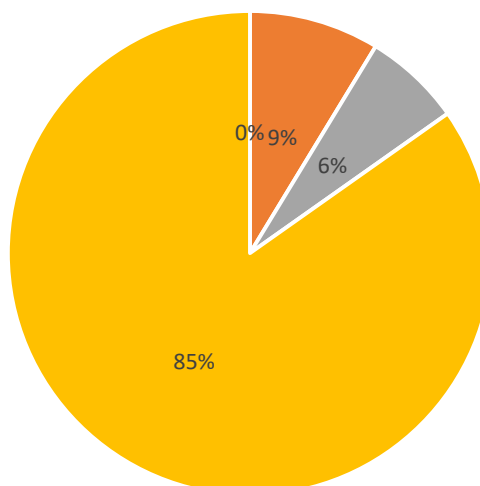
Anexo 4 – Gráficos com os resultados dos questionários

Gráfico I - Na sua opinião, qual é o principal impacto que uma visita de estudo pode provocar nos alunos?



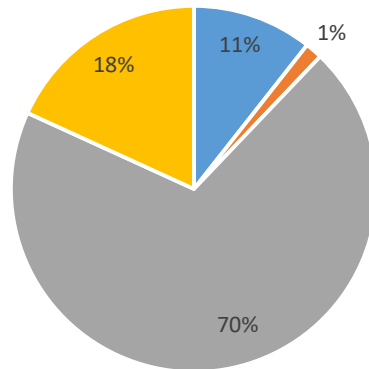
- Aumento dos saberes académicos
- Aumento do conhecimento/ cultura geral
- Melhoria das relações interpessoais
- Não tem impacto

Gráfico II - Quantas visitas de estudo já realizou?



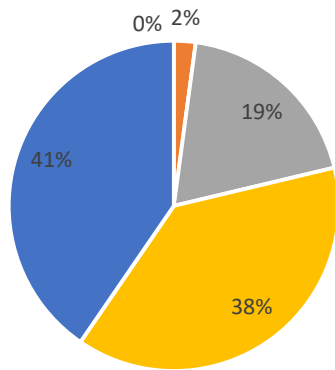
- Nenhuma
- De 1 a 5
- De 6 a 10
- Mais de 10

Gráfico III - Em que áreas realizou mais visitas de estudo?
(pode colocar um X numa ou mais respostas)



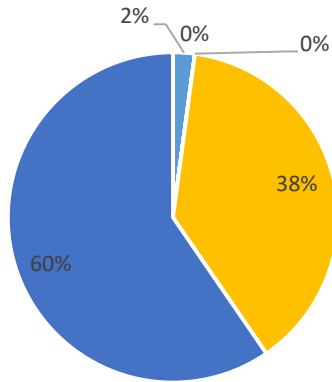
■ Português ■ Matemática ■ Estudo do Meio ■ Expressões

Gráfico IV - As visitas de estudo permitem incentivar os alunos para as atividades experimentais?



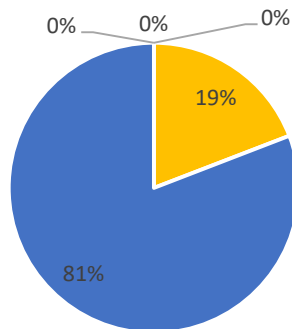
■ Discordo totalmente ■ Discordo em parte ■ Não concordo, nem discordo
■ Concordo em parte ■ Concordo totalmente

Gráfico V - As visitas de estudo permitem motivar os alunos para determinados conteúdos.



- Discordo totalmente
- Discordo em parte
- Não concordo, nem discordo
- Concordo em parte
- Concordo totalmente

Gráfico VI - As visitas de estudo possibilitam o despertar do interesse e da motivação em contextos de participação e observação direta do mundo



- Discordo totalmente
- Discordo em parte
- Não concordo, nem discordo
- Concordo em parte
- Concordo totalmente

Gráfico VIII - As visitas de estudo permitem realizar experiências que não podem ser concretizadas dentro da sala de aula.

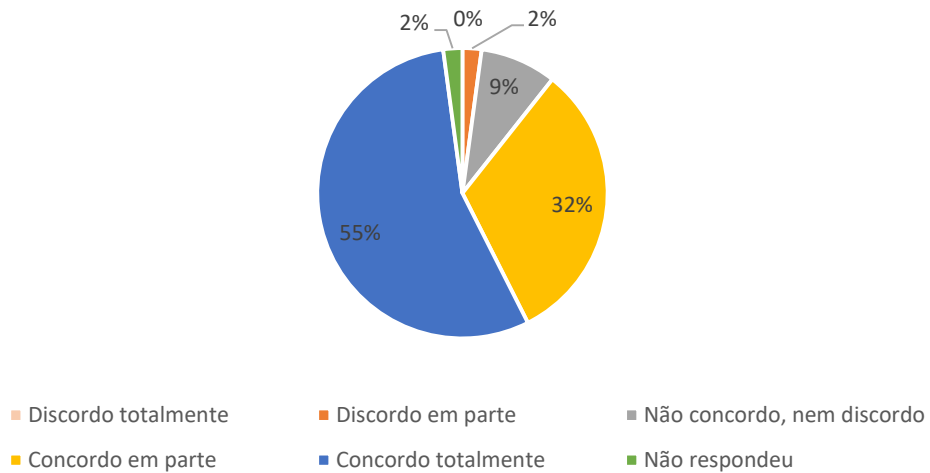


Gráfico VII - As visitas de estudo permitem desenvolver o espírito crítico dos alunos.

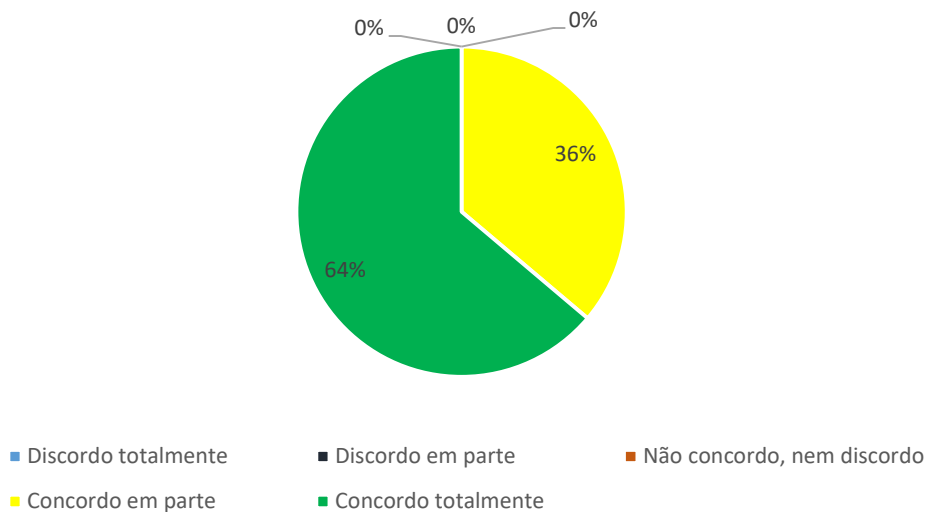
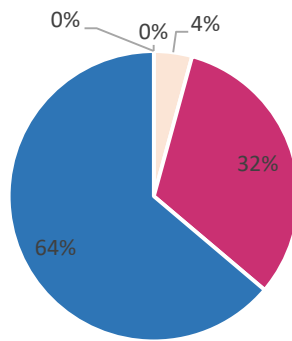
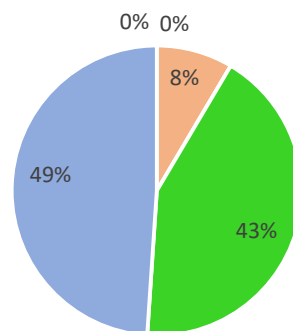


Gráfico IX - As visitas de estudo permitem observar o comportamento dos alunos fora do contexto de sala de aula.



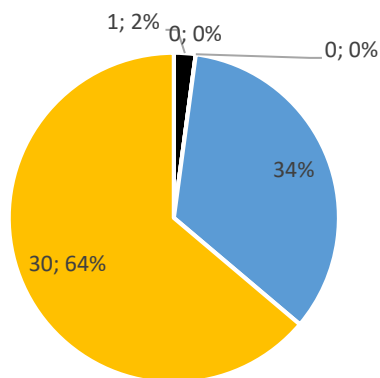
■ Discordo totalmente
 ■ Discordo em parte
 ■ Não concordo, nem discordo
■ Concordo em parte
 ■ Concordo totalmente

Gráfico X - As visitas de estudo possibilitam às crianças desenvolver o vocabulário próprio de um determinado conteúdo em diferentes contextos.



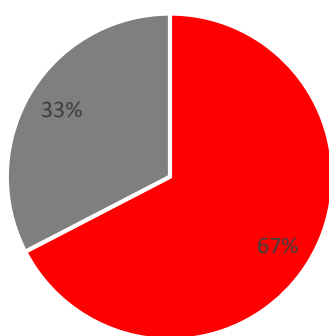
■ Discordo totalmente
 ■ Discordo em parte
 ■ Não concordo, nem discordo
■ Concordo em parte
 ■ Concordo totalmente

Gráfico XI - As visitas de estudo permitem que os alunos desenvolvam competências de socialização.



- Discordo totalmente
- Discordo em parte
- Não concordo, nem discordo
- Concordo em parte
- Concordo totalmente

Gráfico XII - Apresenta aos alunos um guião de apoio que explica os objetivos e tarefas a realizar antes da visita de estudo?



- Sim
- Não

Gráfico XIII - Tem por hábito dar indicações aos alunos para que estes elaborem um guião de apoio que expique os objetivos e tarefas a realizar?

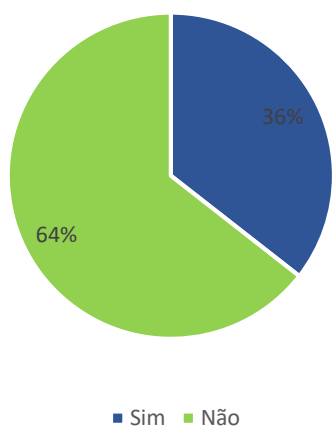


Gráfico XIV - Tem por hábito envolver os alunos na preparação da visita de estudo?

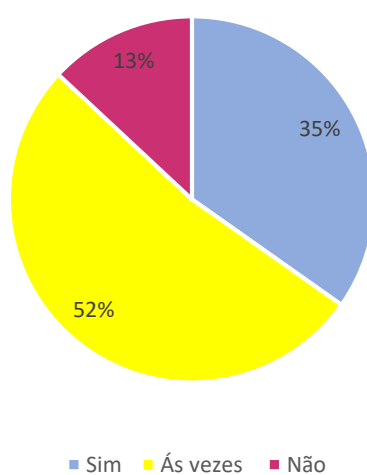


Gráfico XV - No decorrer da visita de estudo os alunos tem por hábito recolher informações?

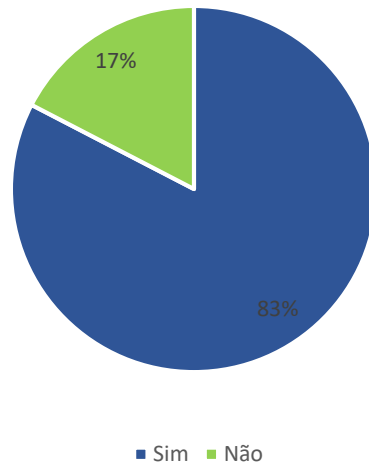


Gráfico XVI - Durante a visita de estudo existe interação entre professor/aluno/aunos procurando focar aspetos relevantes da visita?

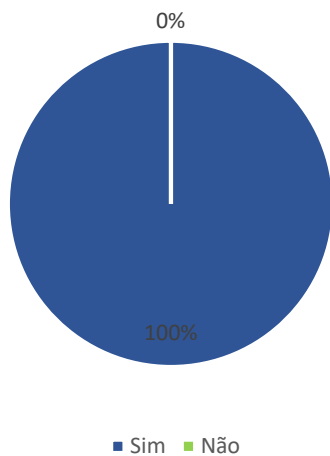


Gráfico XVII - No final de uma visita de estudo faz uma avaliação aos seus alunos?

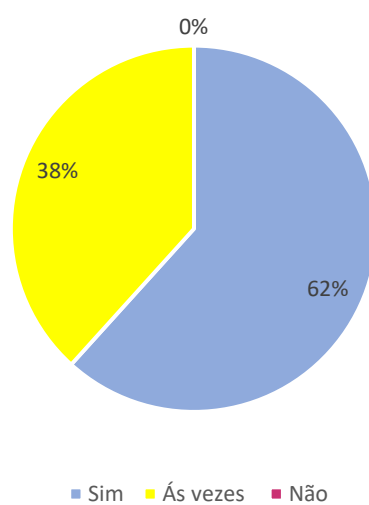
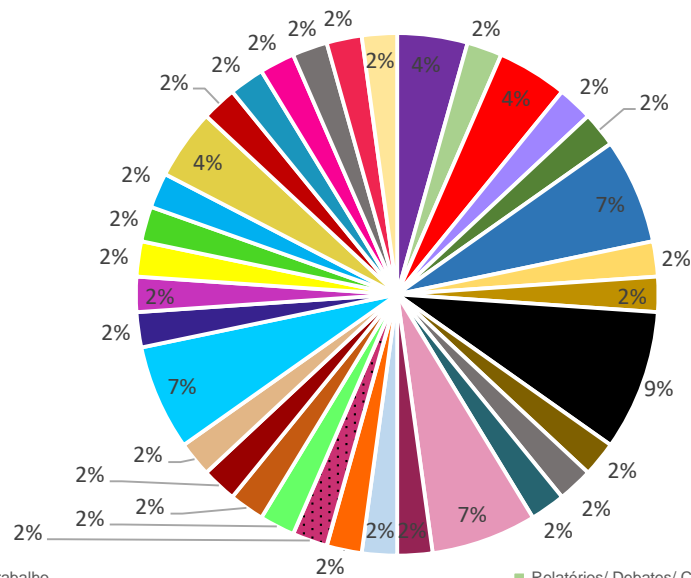


Gráfico XVIII - Se respondeu sim ou às vezes à questão anterior de que forma procede essa avaliação? (pode colocar um numa ou mais respostas)



■ Relatórios/ Debates/ Trabalhos em grupo/ Cartazes/ Exposições/ Fichas de trabalho

■ Questionários/ Trabalhos de grupo

■ Questionários/ Debates/ Cartazes/ Fichas de trabalho

■ Relatórios/ Questionários/ Trabalhos em grupo/ Cartazes

■ Debates/ Trabalhos em grupo

■ Debates/ Trabalhos em grupo/ Cartazes/ Exposições

■ Relatórios (Composição)

■ Trabalhos em grupo

■ Questionários/ Debates/ Cartazes

■ Debates

■ Relatório/ Debates/ Trabalhos em grupo

■ Questionários/ Trabalhos em grupo/ Cartazes

■ Questionário/ Debates/ Trabalhos em grupo/ Cartazes

■ Relatórios/ Debates/ Exposições

■ Relatórios/ Trabalhos em grupo

■ Relatórios/ Debates/ Cartazes/ Exposições

■ Relatórios/ Debates/ Trabalhos em grupo/ cartazes/ Fichas de trabalho

■ Debates/ Trabalhos em grupo/ Cartazes/ Fichas de trabalho

■ Trabalhos em grupo/ Cartazes/ Fichas de trabalho

■ Relatórios/ Questionários/ Cartazes

■ Questionários/ Trabalhos em grupo/ Cartazes/ Exposições/ Fichas de trabalho

■ Questionários/ Fichas de trabalho

■ Questionários/ Trabalhos em grupo/ Cartazes/ Fichas de trabalho

■ Não respondeu

■ Questionários/ Debates/ Trabalhos em grupo/ Cartazes/ Fichas de trabalho

■ Debates/ Trabalhos em grupo/ Cartazes

■ Debates/ Exposições

■ Debates/ Cartazes

■ Relatórios/ Questionários/ Debates/ Trabalhos em grupo/ Cartazes/ Exposições/ Fichas de trabalho

■ Relatórios/ Questionários/ Debates/ Trabalhos em grupo/ Cartazes/ Exposições/ Fichas de trabalho/ Concursos de fotografia

Gráfico XIX - Já sentiu alguma (s) dificuldades (s) na preparação e realização de uma visita de estudo?

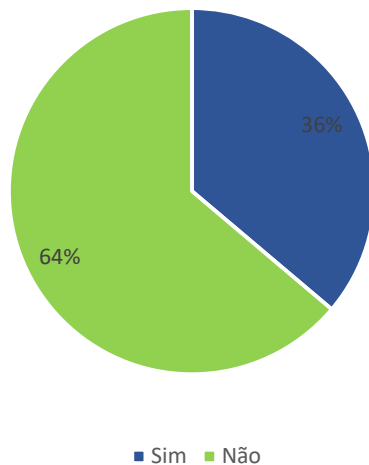


Gráfico XX - Qual o grau de satisfação que os alunos demonstram nas visitas de estudo que já organizou?

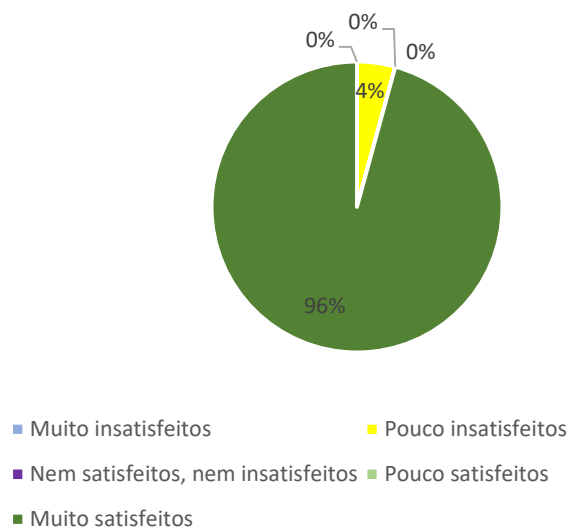
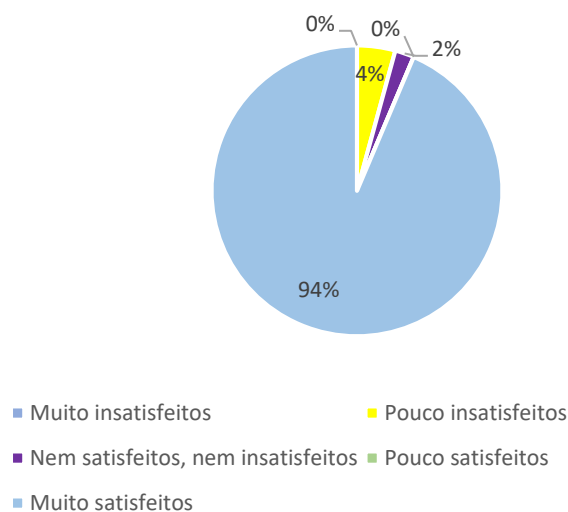


Gráfico XXI - Qual o seu grau de com as visitas de estudo que já organizou?



Anexo 4 – Entrevistas aos professores

Entrevista: Professor A

1. Gosta da profissão que exerce?

Gosto

2. Quantos anos tem de serviço?

Completos 27 (A nível de prática 28)

3. Que tipo de ensino privilegia nas suas práticas?

Tenta ser o menos tradicional possível, embora o tradicional também tenha importância. O menos tradicional possível no sentido de não fazer sempre da mesma forma, tenta rever o que pretende melhorar e ao longo da minha prática tenho tido sempre formação, especialização, procura melhorar procurando cursos nas áreas que exerce, principalmente na área da matemática. Por vezes não é fácil ter formações em todas as áreas, procura estar informada e melhorar mudar, o que não é fácil, o meu principal empenho é a matemática mas não deixo de estar informada nas restantes.

4. Costuma organizar visitas de estudo?

Eu: Este ano como não tem horário, talvez não organize

Prof: Este ano não, nos anos anteriores sim. Mas eu tenho verificado que nós escola nos últimos anos temos realizado cada vez menos visitas de estudo. Com a escola a tempo inteiro e horários diferentes, organizamos menos, mas mesmo assim ainda se fazem algumas. Há uns 10 anos atrás fazia-se muitas visitas de estudo, muito mais que agora, eu própria também fazia mais e tínhamos muito mais facilidade no transporte. Se bem que na própria freguesia, a nível local, eu ainda faço bastantes com a minha turma. Fiz muitas visitas locais relacionadas com a área, conhecer mais o meio. Há dias marquei para esta escola, não para a minha turma mas para as outras, um percurso que se chama “percurso da memória” que é com um arqueólogo da câmara municipal de Esposende, que era hoje mas o estado do tempo não era favorável adiou-se para a próxima semana, é para eles conhecerem melhor o nosso meio local. As colegas concordaram e também temos que ver que o que nós sabemos e quem nos possa ajudar, a nível de história não é o meu forte e então procurei outras pessoas a nível da escola. Vamos a pé percorrer a parte histórica de Fão e ele (o arqueólogo) vai dizer mais do que nós.

5. Qual a sua opinião sobre as visitas de estudo? Como olha para a visita de estudo, como ferramenta de ensino...

Às vezes nós fazemos as visitas de estudo mais como lazer, por exemplo no final do ano. Lembro-me de como aluna e professora a uns anos atrás era mais de lazer, depois passou a ser uma vertente de lazer mais cultural ligada com as aulas, quer seja estudo do meio ou outras áreas, história ou não mais nessa vertente e depois lazer aproveitar para brincar, o dia da visita era para isso. Neste momento, não sei se é por as crianças estão muito presas na escola os nossos passeios finais do ano, por exemplo, já voltou a ser mais recreativa, mas eu acho que podem coexistir as duas coisas, pode-se aprender sempre alguma coisa, a diversão também é importante são crianças.

6. Quando realiza uma visita de estudo é com intuito de:

- **Introduzir um tema;**
- **Consolidar um conteúdo;**
- **Ou simplesmente promover o convívio entre os professores/ aluno/ alunos**

Eu quando organizo visitas de estudo, quer seja para a minha turma ou a nível de escola é para conhecer algo, pode não ser introduzir, normalmente até não é introduzir é mais para aprofundar conhecer mais.

7. Quais os objetivos que têm em comum em todas as visitas de estudo que já realizou? Há certamente objetivos particulares, mas deve existir algum que você pretende alcançar.

Prof: O convívio com o outro, a saída, a nível de socialização penso que é importante, a saída em si porque há muitas crianças que saem pouco, hoje em dia dizem que saem muito mas é verdade é que vão para os centros comerciais, sempre para os mesmos sítios, não saem muito a escola proporciona saídas diferentes e pelo menos alertam para certos pontos que por vezes a família não alerta.

8. Quais os passos mais importantes na preparação de uma visita de estudo?

Eu quando preparo uma visita de estudo, acho importante vários aspetos, que eles saibam, não é necessário saberem muita coisa mas ter o conhecimento prévio sobre o assunto que vamos abordar, o que vamos visitar, o que vamos conhecer mais. Acho importante eles levarem qualquer coisa para registo, eu tive uma turma do 3.º ano que levavam sempre um bloco de notas, incentivei-os. É mais 3.º e 4.ºs anos, os primeiros nem tanto, mas a partir do 3.º ano incentivo muito, recordo uma ida a Lisboa com um quarto de ano que a parte histórica adoraram e então: - Professora olha aquilo que nós estudamos, olha aquilo, olha isto. Relembavam aquilo que já tinham estudado. No sentido de planificar, tirar notas, aprofundar conhecimento eu faço com os anos maiores, 3.º e 4.ºs anos, não faço tanto com os outros, mas pelo menos oralmente fazer uma planificação breve eu acho que é importante, não muito aprofundada porque depois da visita é que vamos trabalhar com o que se viu e relacionar com o que já se sabia, eu gosto de fazer isso em trabalho de grupo. Gosto muito de trabalhar em grupo.

9. Em que altura do ano letivo realiza, normalmente, as visitas de estudo?

- 1º Período
- 2º Período
- 3º Período

No primeiro período talvez não seja tanto, mas tirando a do final do ano é ao longo do ano.

10. Tem por hábito envolver os alunos na preparação da visita de estudo?

11. Se respondeu positivamente indique de que forma?

Sim. Numa forma breve, não faço grandes coisas, mas algumas vezes eles elaboram perguntas previamente para fazer. Recordo uma vez, um engenheiro relacionado com a agricultura veio a escola e eles tinham questões para lhe perguntar sobre o tema que estávamos a estudar. Foi uma visita gratuita que eu pedi a direção geral da agricultura que esta concedeu. Mas nem sempre isto é possível, quando é uma coisa mais minha, mais pequena, em que sou eu a organizar para a escola ou para a minha turma eu preparo isso. Quando são organizadas pelas propostas da associação de pais ou porque a escola propõe e eu não estou tão integrada naquilo eu deixo-me ir e não planeio muito bem. Se partir de mim há uma outra preparação.

12. Quais os aspetos que acha necessário ter em conta durante a visita de estudo? A pouco falamos na preparação, agora pergunto durante a visita de estudo.

Eles interagirem, tirarem as notas é importante. Eu acho que é importante eles gostarem, irem motivados. Na visita participarem, tomarem notas, registrem, fazerem perguntas e posteriormente debater-se um pouco isso para ficar alguma coisa, porque depois passa tudo e a memória é muito curta, não é? Trabalhar um pouco depois, se houver interatividade e participação há muito mais interesse, por exemplo em ciências participarem.

13. Os seus alunos levam algum material para a recolha de informação?

Normalmente é o bloco de notas, já houve ocasiões em que levavam máquinas fotográficas em que eles próprios experimentaram, mas aí a visita era mesmo fotografar a natureza, as folhas, as plantas, eles próprios participarem. Depois na sala de aula organizar as fotográficas para trabalhamos as simetrias, nessa altura estávamos a trabalhar as simetrias em matemática e fizemos registos fotográficos para que eles participassem, parte das fotografias foram tiradas na sala de aula porque eles decidiram apanhar e levar para a sala as folhas e então na sala de aula é que as fotografaram, quiseram fazer a recolha, era um 1.º ano. Eu propôs a atividade e eles para além de fotografar quiseram recolher as folhas e depois fizemos um power point, claro que tudo muito simples, na altura tinham os Magalhães, cada um ficou com um trabalhinho. Eu gostei, foi uma coisa

diferente, nunca tinha feito e deu para dar utilidade aos Magalhães, nunca mais fiz, ao longo da minha experiencia fiz assim algumas coisas interessantes mas são isoladas.

14. Com base na sua experiência, que impacto têm as visitas de estudo nas aprendizagens nos alunos?

Eu acho que pelo menos tem impacto e quando eles gostam aquilo fica. Em termos de aprendizagem, não sei muito bem porque depois não dou seguimento, mas quando elas são bem preparadas tem um grande impacto nas aprendizagens. Se foram visitas de lazer ai fica-lhes o prazer e o gosto, se for baseado mais em conteúdo também fica mas também fica. Acho que agora saem pouco e acho que é mau.

15. Ao longo do seu percurso já deve ter trabalhado o mesmo conteúdo de diferentes formas, consoante a turma. Comparando: um tema em que tivesse realizado uma visita de estudo para consolidar e noutra momento esse mesmo tema foi trabalho mas não houve visita de estudo. Na sua opinião a visita de estudo teve mais influência?

Eu acho que ajuda, desde que haja participação dos alunos, sejam ativos. Se eles forem ativos seja na preparação de questões, seja em registos e depois trabalhar esses registos, tudo isso tem muita influência se não houver preparação nenhuma, nem trabalho posterior as coisas perdem-se mais. Deve ser trabalho antes, mas sobretudo depois. Há alunos que por vergonha, timidez não questiona na visita, mas depois na sala de aula sente-se mais a vontade com o professor e com os colegas e partilham.

Devia ser mais vezes organizada, mas não basta só a saída porque se não houver trabalho depois perde-se tudo, tem de haver uma linha entre as saídas e o trabalho na sala de aula, quer seja antes, durante ou no fim. Para que a aprendizagem seja rica é preciso pensar, os alunos fazem um jogo mas depois é preciso analisar pensarmos todos, trocar ideias. A visita só não chega é preciso um trabalho complementar.

16. Acha que as visitas de estudo possibilitam aos alunos um entendimento mais aproximado de um conteúdo?

Sim, acho muito, muito mais. Eu recordo de umas crianças que vivem em determinados meios e não sabem nada sobre eles, não basta ver é também preciso olhar com conhecimento. É como estar a ver a ver os rios as linhas férreas no mapa, não é tão importante como ou ajuda mais se formos ver no

local. Recordo estar numa escola próxima do nascente do rio Ave e nunca tínhamos ido lá, então pedi ajuda aos pais e fomos ver a nascente do Rio Ave a Vieira do Minho, por acaso era relativamente perto mas eu acho que eles nunca vão esquecer qual é a nascente do Rio Ave. É sempre muito importante o contacto com o local, a observação direta que já há vinte e tal anos vinha nos programas. Mas infelizmente agora são muito poucas, o currículo é muito rígido, grande, os transportes, antes arranjavam-se facilmente os autocarros mas agora eles têm vários destinatários, é levar os alunos para a escola, para a piscina, levar os idosos a tal sítio, é muito complicado. Por cada número de alunos é preciso um respetivo número de adultos que com a falta de pessoal nas escolas é complicado.

Eu: Muito obrigada pela sua colaboração e pelo tempo disponibilizado para este estudo.

Entrevista: Professor B

1. Gosta da profissão que exerce?

Gosto

2. Quantos anos tem de serviço?

13 anos

3. Que tipo de ensino privilegia nas suas práticas?

Mais desafiante mesmo que é para eles se motivarem e aprenderem mais. Sempre ir de encontro às necessidades de cada aluno, pode ser por parte do tradicional, a tradição sempre funcionou, em equipa vencedora não se mexe e depois com as novas tecnologias vamos indo (...) mistura um pouco o tipo de ensino.

4. Costuma organizar visitas de estudo?

Normalmente é tudo em grupo, os professores trabalham em grupo. Já organizei uma só eu, numa altura em que tive apoio a uma aluna com apoio domiciliário e tentei fazer a mesma visita que a escola fez, mas como não dava para ir aos mesmos sítios, tinha leucemia, fiz com outros objetivos de encontro com as necessidades dela mas dar as mesmas oportunidades que os outros tiveram. Ela estava com leucemia em casa e não podia ficar sem uma visita. Participo

sempre, na preparação, na divulgação da visita de estudo, mesmo em convencer os pais quando eles não estão muito de acordo.

5. Qual a sua opinião sobre as visitas de estudo?

É uma mais-valia, nós dentro da própria escola podemos, o espaço escola, podemos fazer uma visita de estudo. Agora não, os tempos são outros e temos muitas metas, muitos objetivos, mas quando comecei estava por exemplo a trabalhar em aldeias em que eu era a única professora na escola, tinha os 4 anos letivos, e podia ir com eles pela freguesia só para eles conhecerem melhor o sítio onde eles moravam e era uma visita de estudo enquadrada nos estudos deles, quando é assim podemos fazer, agora com tanta papelada, não. Por exemplo na semana passada fomos aos bombeiros, foi tratar por ruas é que podíamos ir, se tínhamos a autorização da GNR para circular ou assim, se pedimos ajuda a GNR temos que pagar, se formos nós a responsabilidade é nossa mas há aquele receio porque temos que atravessar estrada e tudo pode-nos acontecer alguma coisa, os pais tem sempre que assinar uma declaração que concordam que eles saiam, eles assinam no início do ano, só que lá está ao longo do ano vamos fazendo as visitas mas eles tem sempre conhecimento para os alunos participarem com entusiasmo.

6. Quando realiza uma visita de estudo é com intuito de:

- a. **Introduzir um tema;**
- b. **Consolidar um conteúdo;**
- c. **Ou simplesmente promover o convívio entre os professores/ aluno/ alunos**

Tudo, introduzir não dá. Nós não podemos fazer uma surpresa, no fundo é consolidar o tema, depois podemos trabalhar mais na escola. É tudo, numa visita de estudo trabalhamos todas as áreas, todas as valências, trabalhamos o saber ouvir, o saber estar, falar e ser, trabalhamos tudo, não é só o tema.

7. Quais os objetivos que têm em comum em todas as visitas de estudo que já realizou? Há certamente objetivos particulares, mas deve existir algum que você pretende alcançar.

Promover o saber estar com os outros, porque eles são uma coisa na escola e fora são outra. Esse tem de estar eles tem de saber estar em cada espaço,

dentro da escola, fora da escola, espaços fechados, espaços abertos, como se comportar em diferentes espaços.

8. Quais os passos mais importantes na preparação de uma visita de estudo?

1º Tento ir de encontro aos objetivos que temos definidos, por exemplo vamos imaginar uma visita de estudo a Esposende: 1.º saber conhecer o que nos rodeia, 2.º entusiasmar para aquilo que vão ver que eles tem aqui tao perto e n vao lá para conhecer; 3.º respeito pela natureza e a história por exemplo do rio, porquê que se chama litoral norte? Porquê que é a foz do rio? Isso é só para os maiores, se fizesse uma visita de estudo lá para os alunos do 1.º ano os objetivos serão mais pequeninos, seria mais motiva-los para eles depois em casa pedir aos pais mais conhecimento e falar mais daquilo. Nós estamos rodeados de temas para visitas de estudo e é isso uma das nossas dificuldades, porque depois pedimos aos pais para fazerem, a maioria dos pais faz, alguns até fazem mais, mas quando nós fazemos aqui uma visita: - ah eu já fui!

- eu já sei!

E nós temos que andar ali aprofundar muito mais, enquanto para uns é novidade para outro temos que andar mais além.

9. Em que altura do ano letivo realiza, normalmente, as visitas de estudo?

- 1º Período
- 2º Período
- 3º Período

É assim, visita de estudo de passeio mesmo é no 3.º período. Agora ao longo do ano concordo que haja pelo menos uma por período. Mas lá está, mais longe 3.º período, mais perto nos outros.

10. Tem por hábito envolver os alunos na preparação da visita de estudo?

11. Se respondeu positivamente indique de que forma?

Sim, quando nós estamos em pensar ir a um sítio, primeiro temos que ver se eles já lá foram, o que eles já conhecem, não dizer onde vamos senão deixa de ser surpresa, também temos que fazer surpresa, não dizer onde vamos mas tentar perceber onde é que eles já foram, o que mais gostaram de ver, o que é que eles gostariam de fazer e que não fizeram ainda, envolve-los nessa parte, na parte da preparação. Na parte dos objetivos, fazemos com que cheguem aos objetivos. O que é que nós podemos aprender e eles vão dizendo até nós definirmos o objetivo.

12. Quais os aspetos que acha necessário ter em conta durante a visita de estudo?

Responsabilidade, motivação, o entusiasmo de conhecer coisas novas, o entusiasmo de conhecer pessoas diferentes, respeitar os outros, o saber estar é fundamental e o querer aprender. Eu acho que o fundamental é mesmo querer aprender.

13. Os seus alunos levam algum material para a recolha de informação?

Este ano não vou poder fazer isso, porque é o 1.º ano e eles estão aprender a escrever. Mas normalmente levam, é assim normalmente eu digo-lhes, por exemplo no ano passado eu estava com alunos maiorzinhos e pedia-lhes para levar um caderninho de apontamentos, basta assim uma folha A4 dobrada em quatro e eles assim vão escrevendo. Porque depois ao fim do dia, normalmente, as visitas são à quinta ou a sexta-feira para no fim-de-semana terem tempo para fazerem uma composição, tipo um relatório sobre a visita de estudo e um desenho com as partes que eles mais gostaram. E nesse livrinho, eu entusiasmo mesmo para eles fazerem perguntas às pessoas que nos vão mostrar, ou que vão estar connosco, perguntar para saber mais, pôr o que não perceberam mesmo, participarem. Onde eu estava a melhor composição ia para o jornal do agrupamento e ficava os trabalhos todos afixados na sala, eles depois estão mais uns dias na escola para cada um ver o que cada um gostou mais, gostou menos, o desenho que fez.

14. Com base na sua experiência, que impacto têm as visitas de estudo nas aprendizagens nos alunos?

Tem, se nós os entusiasmos para irem a visita de estudo para saber mais, claro que influência o resto da aprendizagem deles.

15. Ao longo do seu percurso já deve ter trabalhado o mesmo conteúdo de diferentes formas, consoante a turma. Comparando: um tema em que tivesse realizado uma visita de estudo para consolidar e noutra momento esse mesmo tema foi trabalho mas não houve visita de estudo. Na sua opinião a visita de estudo teve mais influência?

Foi uma mais-valia, porque quando eles fizeram lá. Por exemplo, no espaço da ciência viva que eu fui duas vezes a Vila do Conde e nós tínhamos feito na sala de aula, só que lá está no espaço da ciência viva tem mais material que nas escolas. O entusiasmo deles dizer assim – professora ali sim nós vamos ver o

resultado que a professora disse. Eles lembrarem-se do que fizeram, lembrarem-se do que ia acontecer e pensar que seria diferente pelo material ser diferente e quererem fazer mais, notasse esse impacto. Eles saberem que as escolas por mais matérias que tenham, quando vamos a sítios específicos, por exemplo quando vamos ao planetário, os alunos do 3.º e 4.º ano eles ficam abismados, podemos por a sala às escuras e pôr no teto os autocolantes luminosos para fazer o planetário, nunca é a mesma coisa que estar lá.

16. Acha que as visitas de estudo possibilitam aos alunos um entendimento mais aproximado de um conteúdo?

Ajuda, mas depende do nosso trabalho, depende do trabalho dos professores com os alunos, ajuda mas depende muito do trabalho.

Muito obrigada pela colaboração

Entrevista: Professor C

1. Gosta da profissão que exerce?

Prof: Aprendi a gostar, no início não era isto que eu queria mas pronto

2. Quantos anos tem de serviço?

28

3. Que tipo de ensino privilegia nas suas práticas?

Prof: Um ensino mais do tipo construtivo, ou seja levar os alunos a descobrir e a tirar conclusões eles próprios. Tento sempre, eles chegarem lá sozinhos, estar lá na ajuda, na retaguarda, mas tentarem eles descobrir, eles próprios.

4. Costuma organizar visitas de estudo?

Algumas

5. Qual a sua opinião sobre as visitas de estudo?

Ter mais contacto com a realidade, aprofundar os temas tratados em contexto da aula, principalmente aproveito para explorar melhor os temas de Estudo do Meio.

6. Quando realiza uma visita de estudo é com intuito de:

- a. **Introduzir um tema;**
- b. **Consolidar um conteúdo;**
- c. **Ou simplesmente promover o convívio entre os professores/ aluno/ alunos**

Geralmente é para consolidar os conteúdos tratados, não é, e também são sempre positivas as visitas porque aprendem a respeitar o outro, a respeitar o ambiente, andar na rua, a tratar as pessoas civilizadamente, a socialização entre eles e aprofundar os conhecimentos que quero, e o objetivo.

7. Quais os objetivos que têm em comum em todas as visitas de estudo que já realizou?

1.º Perceber o objetivo da visita: o que é que vamos lá fazer? O que vamos ver? Satisfazer as curiosidades.

8. Quais os passos mais importantes na preparação de uma visita de estudo?

Ter contacto com as instituições, fazer as marcações com os transportes, arranjar transpor, o contacto com os pais, tomas as providências necessárias. Geralmente a visita surge em contexto, como já disse, na consolidação do tema fazemos debates, algumas pesquisas, algum trabalho em contexto de aula. As visitas será o colmatar do que temos vindo a fazer. É uma motivação para a visita.

9. Em que altura do ano letivo realiza, normalmente, as visitas de estudo?

- **1º Período**
- **2º Período**
- **3º Período**

Sempre que é conveniente. As pessoas tem por hábito fazer uma visita de estudo ou seja o passeio, o passeio final do ano, eu acho que as visitas devem ser feitas sempre que for conveniente, sempre que se adequem À altura que se esteja a tratar qualquer assunto. Por exemplo este ano, no 1.º período fiz duas visitas de estudo integradas no tema da história de Portugal, foi uma visita ao

Castro de S. Lourenço e fui outra ao Castelo de Guimarães e pronto aquilo só fazia sentido se fosse feito naquela altura, não interessava dar agora no fim do ano, quando já não se lembravam de metade das coisas. Foi muito interessante realmente.

10. Tem por hábito envolver os alunos na preparação da visita de estudo?

11. Se respondeu positivamente indique de que forma?

Sim, aprofundamos mais aquilo que estamos a tratar, fazemos muitos debates, muitos trabalhos em grupo. Antes disso eles fazemos, enumeramos uma série de questões que eles querem ver respondidas, curiosidades.

12. Quais os aspetos que acha necessário ter em conta durante a visita de estudo?

Colocarem as questões que acharem necessárias, sempre. Isso vai fluindo normalmente, são muito curiosos e gostam de perguntar e são convenientes naquilo que perguntam, geralmente costumam ser.

13. Os seus alunos levam algum material para a recolha de informação?

Geralmente não, temos as fotografias depois que depois podemos ver, mas geralmente não costumam levar nada. Nem acho muito adequado, porque eles estão a escrever e não prestam atenção ao que estão a dizer, escrevem pouco depois não fazem muito sentido.

Eles estão atentos e eu tiro as fotografias e participam. Acho muito importante eles participarem.

Fazemos sempre um trabalho após a visita, até posso mostrar (...) até mandamos para o blog da escola (...). Em grande grupo, ou por exemplo neste foi a pares e publicamos. E fazemos um questionário, uma coisinha levezinha sobre aquilo que se falou, essas curiosidades.

Não é um trabalho que acaba ali, não não acaba ali. Depois concluímos, o trabalho notasse alguma coisa tem que ficar.

14. Com base na sua experiência, que impacto têm as visitas de estudo nas aprendizagens nos alunos;

Ajuda-os a crescer, de muitas maneiras. Aumentam e aprofundam os conhecimentos de uma forma mais interessante, de uma forma mais curiosa, de uma forma mais motivadora, hoje em dia é muito difícil a gente tê-los motivados para alguma coisa, então esta é uma das formas que os motiva, a meu ver, pela

minha experiência. Tem que se mudar, está na hora de mudar e variar muito, senão não há quem os aguente.

- 15. Ao longo do seu percurso já deve ter trabalhado o mesmo conteúdo de diferentes formas, consoante a turma. Comparando: um tema em que tivesse realizado uma visita de estudo para consolidar e noutra momento esse mesmo tema foi trabalho mas não houve visita de estudo. Na sua opinião a visita de estudo teve mais influência?**

Sim, claro que se vê a diferença. A criança estar ali em contexto junto da realidade é diferente daquilo que a gente fala ou que eles vêm no livro ou leem, esquecem-se muito facilmente. Enquanto estive lá, eu vi o pavilhão dos descobrimentos, eu vi a torre de Belém, eu vi o Terreiro do Paço, por exemplo onde se faziam as trocas comerciais, essas coisas. É diferente assemelham ao local a um acontecimento, associam um local a um conhecimento, aconteceu aqui, enquanto falar e ver nos livros e essas coisas aquilo acaba por passar e esquecer mais facilmente.

- 16. Acha que as visitas de estudo possibilitam aos alunos um entendimento mais aproximado de um conteúdo?**

Muito mais, com certeza, não me estou a levar agora de nenhuma em concreto, mas sem dúvida.

Muito obrigada pela colaboração

Entrevista: Professor D

1. Gosta da profissão que exerce?

Prof: Adoro, é daquelas profissões ou se gosta ou não se gosta mesmo.

Eu: estava destinado?

Prof: estava, não 1.º ciclo, mas estava mesmo via ensino estudos germânicos

2. Quantos anos tem de serviço?

36

3. Que tipo de ensino privilegia nas suas práticas?

Prof: tipo de ensino em que os alunos possam intervir, muita participação deles, muito diálogo, muita abertura e não aquela forma muito tradicional. Onde o professor na secretária e os alunos ali sentadinhos disciplina mas não muita disciplina, participação e abertura. Valorizo muito as opiniões que eles têm, a partir daí explorarem e pesquisarem. Gosto de uma sala ativa com regras, uma coisa não invalida a outra.

4. Costuma organizar visitas de estudo?

Prof: Algumas, não as que desejaria, normalmente as questões que nos impedem de fazer visitas de estudo tem a ver com os transportes, é o nosso problema para deslocar as crianças; a questão monetária e por vezes a questão logística. Mas sempre que possível tentamos, no meu caso concreto, mesmo não sendo titular de turma continuo a organizar visitas de estudo, ajudando os colegas.

5. Qual a sua opinião sobre as visitas de estudo?/ Acha importante as visitas de estudo?

Prof: eu acho que é muito importante, se calhar aprendesse mais numa visita de estudo do que dois ou três dias na sala de aula a falar daquele assunto. Os miúdos tem a oportunidade de observar, de questionar, de tocar, de ter alguém que os acompanha. Se for visitas guiadas então tanto melhor, acho que é muito mais importante do que estarmos em sala de aula, apesar de termos recursos e recorrer a imagem acho que no local tem outro impacto.

6. Quando realiza uma visita de estudo é com intuito de:

- a. **Introduzir um tema;**
- b. **Consolidar um conteúdo;**
- c. **Ou simplesmente promover o convívio entre os professores/ aluno/ alunos**

Eu acho que é um bocadinho de tudo isso, não há algo que é estanque, normalmente porque o tema faz parte do currículo ou porque é um tema que surgiu, ou porque é uma atividade que nos é proposta por outras entidades e isso leva-nos a ponderar se é a proveitoso e então normalmente procuramos tirar partido em todos os sentidos. Porque eles aprendem a socializar, a estar, para além da aprendizagem em si de estarem a observar também há outros fatores, a maneira de como se comportam, como intervêm, como questionam, como colocam dúvidas.

7. Quais os objetivos que têm em comum em todas as visitas de estudo que já realizou?

Está muito ligado, sempre, aos conteúdos que nós trabalhamos. No primeiro aninho não temos tanto essa preocupação, erradamente não sei, depois num 3.º e 4.º ano tem muito mais a ver com adaptar os conteúdos que fazem parte do currículo, de cada ano de escolaridade, normalmente. Privilegiamos um bocadinho a parte da história por exemplo, de estudo do meio, da observação dos locais que tenham interesse, mesmo a nível local, fazemos visitas próximas da escola onde podemos ir a pé, são sempre temas abrangente que não são estanques. Há temas que pensamos que podemos fazer uma visita aqui ou ali, conforme o que estamos a tratar, há imensos objetivos para além desses específicos.

8. Quais os passos mais importantes na preparação de uma visita de estudo?

Normalmente temos sempre que fazer uma espécie de guião, é suposto fazermos um guião/ um esquema daquilo que pretendemos programar e os miúdos também colaboram nessa organização, principalmente os mais crescidos e partimos de uma exploração prévia para eles estarem motivados e por dentro daquilo que vamos ver, observar, que vamos fazer.

9. Em que altura do ano letivo realiza, normalmente, as visitas de estudo?

- **1º Período**
- **2º Período**
- **3º Período**

Prof: Dependendo, como já disse anteriormente, nos 4.ºs anos depende muito dos conteúdos da história de Portugal, isso acontece no 1.º período, depois tem a ver com outra área, depende dos conteúdos que vão surgindo e que a gente ache...

Pode surgir em qualquer período, em qualquer altura do ano, á visitas de estudo quando estamos a falar por turmas, em grupos ou ano e depois há aquela visita de estudo de convívio no final do ano que também tem objetivos, também definimos objetivos mas já mais um objetivo que é de alguma forma de uma confraternização, são visitas um bocadinho diferentes. Quando falamos em visitas de estudo, que vamos a qualquer local seja histórico ou não está muito relacionado com os temas que fazem parte dessa disciplina, dessa área.

10. Tem por hábito envolver os alunos na preparação da visita de estudo?

11. Se respondeu positivamente indique de que forma?

Sim, normalmente até preparam o próprio material que eles levam para registar, eles agora tem muito o hábito de tirar fotografias, mas basicamente é uma folhinha um lápis para fazerem anotações, para registar e tem que estar normalmente por dentro mas não desvendar muito por ai não precisávamos de ir lá, não é? Mas há certos aspetos que focamos, dependendo do assunto.

E estimular e eles tentarem questionar, perceber. Elaboramos por vezes pequenos questionários para que eles não esqueçam, para não ser o professor a dar essa informação e ser um técnico ou alguém mais competente que possa fazer e interajam entre si também.

12. Quais os aspetos que acha necessário ter em conta durante a visita de estudo?

Um dos aspetos que privilegio muito é a atitude, a postura dos alunos enquanto comportamento, cumprimento das regras que são elementares e saber estar em qualquer espaço e o respeito pelo próprio espaço, pessoas e forma de como eles se comportam em termos de participação, se estão interessados, se estão distraídos, se sabem pedir a palavra aguardar. E normalmente, no geral, eles demonstram uma grande curiosidade em saber mais e mais e mais, às vezes até temos dificuldade em terminar, porque eles querem saber mais alguma coisa,

mais e mais. É basicamente a forma de como eles interagem com alguém que esteja a pessoa que esteja a orientar a visita, as questões que colocam, que normalmente já estão previamente preparadas, mas há muitas que surgem naquele momento e serem capazes de questionar se percebem, se não percebem e é mais ou menos por aí. Também ver se eles os objetivos são atingidos, se conseguiram, ver se eles se mostram interesse, se questionam, se mostraram curiosidade em saber mais um bocadinho.

13. Os seus alunos levam algum material para a recolha de informação?

Normalmente sim, um caderninho e lápis ou uma folha de questionário onde podem registar outras informações que eventualmente surgem e que eles acham pertinentes.

14. Com base na sua experiência, que impacto têm as visitas de estudo nas aprendizagens nos alunos;

Eu acho que já respondi mais ou menos a isso, eu acho que às vezes aprendemos mais numa saída do contexto de sala de aula para uma aula no exterior, até chamava-mos aulas de campo e ainda continua a existir, eu acho que as vezes o impacto é maior mesmo que seja 1h ou 1h30 min do que propriamente na sala de aula, acho que tiram muito mais proveito e que observam diretamente.

Aproxima muito mais da realidade, do conteúdo, eles podem ver, questionar, observar, em quase todos os locais que temos ultimamente frequentado há já também material interativo, eles participam imenso e eles adoram claro. Acho que é muito muito importante e a proveitoso.

Depois da visita fazemos tudo menos a chamada “conta o que é que viste”, eles detestam e eu também. Portanto, não fazem um texto a dizer o que fizeram e o que viram, mas fazem ilustração, fazem um cartaz ou em grupo ou individualmente, geralmente costumamos fazer em grupo para desenvolver um aspeto ou outro.

Há uma partilha entre eles, mais em grupo elaborar um trabalho por grupo ou um trabalho coletivo sem ser a tradicional composição. Agora quando vão muito curiosos perguntam nós temos que fazer composição? Eu pessoalmente não faço, acho que é desagradável, acho que é do género: “Epa que chatice estar a escrever isto” tem muita mais forma de mostrar o que aprenderam e depois normalmente temos um espaço de debate também e é evidente que estou a falar de meninos mais crescidos, conforme os temas. Não é a mesma coisa um 1.º ano de um 4.º ano, são coisas diferentes, refiro-me um bocadinho mais meninos

dos 3.ºs e 4.ºs anos e tem já uma autonomia muito superior. Normalmente é através do debate em contexto de sala de aula, dão as opiniões deles, fazem questões, as observações, á uma crítica e uma autocritica e ao mesmo tempo um avaliar o que cada um sentiu, o que gostou mais, o que correu bem o que não correu bem, uma espécie de avaliação, um momento de reflexão e depois passa para registo normalmente na área da expressão e anda mais ou menos por aí.

Qualquer visita tem que ser de acordo com a faixa etária e com o ano que frequentam. Fazem atividades, mesmo o ir, uma atividade fora até a convite de alguma instituição a gente vai deslocar-se, se for para os anos todos, cada ano tem a sua própria logística e os próprios materiais são adaptados á idade cronológica. Se fizermos um trabalho sobre a, sei lá, a alimentação ou vamos a um workshop é evidente que quem está tem de saber quem é que vai se é um 1.º aninho se é 4.º ano, é completamente diferente, adaptar sempre a cada faixa etária a cada ano de escolaridade.

15. Ao longo do seu percurso já deve ter trabalhado o mesmo conteúdo de diferentes formas, consoante a turma. Comparando: um tema em que tivesse realizado uma visita de estudo para consolidar e noutro momento esse mesmo tema foi trabalho mas não houve visita de estudo. Na sua opinião a visita de estudo teve mais influência?

16. Acha que as visitas de estudo possibilitam aos alunos um entendimento mais aproximado de um conteúdo?

(A entrevistada foi dando resposta às duas últimas questões ao longo da entrevista, por essa razão não foram colocadas).

Tenho pena por não sairmos mais vezes, tenho pena que a gente não possa proporcionar aos miúdos muito mais espaço, aulas fora da sala de aula.

O programa, atualmente, as metas, o currículo estão enormíssimos, extensíssimos e isso quase que nos faz pensar aí não podemos ir, é evidente que dar uma aula aqui numa aula, vamos a uma visita: temos o percurso da ida, o ir e vir, estamos a “gastar” mas bem. Mas isso está a condicionar um bocadinho, já é uma amanhã. Espero que isso seja revisto e seja repostos. Os currículos estão demasiado extensos para estes miúdos, para esta faixa etária, 1.º ciclo tem metas que nunca mais acabam , não é só o 1.º os outros também

(...) toda a gente se queixa, não temos tempo para consolidar, porque é tantos conteúdos que é preciso andar para a frente para cumprir o programa, se se compre muito bem, se não se cumpre justificar porquê. E isto parece que não mas cria: se calhar era muito bom, mas vou gastar uma manhã e já não vou dar isto na matemática, isto não é que nos desmotive mas começamos a ponderar, pensamos duas vezes. O que sentimos é que temos pouco tempo para consolidar, é dar, dar e dar, as crianças estão na idade que captam muito bem mas temos uma heterogeneidade muito especificada dentro das salas de aula e inclusive temos salas com 26 alunos. Ora com 26 alunos 1.º ano, 2.º ano, 3.º ano é muito difícil haver um grupo homogéneo. E por tanto há meninos que vão ao seu ritmo, temos que ir acompanhando um a um, gastamos inevitavelmente mais tempo com uns de que com outros e isto não é fácil de gerir, como estamos com programas extensos a gentes está sempre aflita, temos que cumprir, temos que dar, exigem que os programas sejam cumpridos e portanto acabamos por descorar um bocadinho na saída ou então fazemos saídas mais curtas, a observação a locais mais próximos que nos permite ir numa horinha aqui e ali observar, sem nos “roubar” muito tempo da aula, porque depois temos que andar para a frente e nem todos os meninos acompanham ao mesmo ritmo, não tem a mesma maturidade. É um bocadinho complicado gerir os timeings e tudo isso

Eu: Muito obrigada

Prof: de nada, espero ter ajudado

Muito obrigada pela colaboração

Entrevista: Professor E

1. Gosta da profissão que exerce?

Sim gosto

2. Quantos anos tem de serviço?

28

3. Que tipo de ensino privilegia nas suas práticas?

Ensino interativo, experimental.

4. Costuma organizar visitas de estudo?

Sim também.

5. Qual a sua opinião sobre as visitas de estudo? Como olha para a visita de estudo, como ferramenta de ensino...

As visitas de proporcionam vivências diferentes, aprendizagens diferentes e se calhar mais significativas porque podem acontecer in loco, são sempre uma mais-valia em termos de aprendizagem e conhecimento, na minha opinião.

6. Quando realiza uma visita de estudo é com intuito de:

- a. Introduzir um tema;
- b. Consolidar um conteúdo;
- c. Ou simplesmente promover o convívio entre os professores/ aluno/ alunos

Normalmente na sala de aula falasse no tema, estamos a falar de visitas específicas de um conteúdo ou alguns conteúdos. Sim abordasse o tema, prepara-se a visita antes de sairmos.

7. Quais os objetivos que têm em comum em todas as visitas de estudo que já realizou? Há certamente objetivos particulares, mas deve existir algum que você pretende alcançar.

Proporcionar aos alunos aprendizagens em locais diferentes e vivenciar situações em que na sala de aula não são possíveis.

8. Quais os passos mais importantes na preparação de uma visita de estudo?

Planeamento, o percurso, a exploração do tema quando é específico, como disse agora há bocado.

9. Em que altura do ano letivo realiza, normalmente, as visitas de estudo?

- 1º Período
- 2º Período
- 3º Período

Há uma altura do ano em que há visitas de estudo que é no final do ano letivo. Mas durante o ano são também programadas outras visitas, por exemplo este ano como tenho o 4.º ano já fizeram 4 ou 5 visitas: foram ao Castelo de

Guimarães, foram a Vila-Chã ao Castro de s. Lourenço, foram a Nau Quinhentista a Vila do Conde, ao Museu Marítimo de Esposende a uma exposição sobre o mar.

10. Tem por hábito envolver os alunos na preparação da visita de estudo?

11. Se respondeu positivamente indique de que forma?

Sim, se elas são preparadas em sala de aulas elas estão automaticamente envolvidas. há pesquisa, procuram dentro do tema, eles podem procurar na internet ou eu forneço os materiais de informação.

12. Quais os aspetos que acha necessário ter em conta durante a visita de estudo?

Organização, percurso, horários.

13. Os seus alunos levam algum material para a recolha de informação?

Dependendo da visita. Por exemplo nós fizemos uma visita ao (...) e eles levaram material para recolherem informação, há outras em que não, levam telemóvel, tiram fotografias. Dependendo do contexto e o objetivo da visita.

14. Com base na sua experiência, que impacto têm as visitas de estudo nas aprendizagens nos alunos;

Tem um impacto positivo, normalmente os miúdos aprendem mais facilmente lidando, observando diretamente do que observando fotografias ou por desenhos ou esquemas, interagindo, recordam sempre.

15. Ao longo do seu percurso já deve ter trabalhado o mesmo conteúdo de diferentes formas, consoante a turma. Comparando: um tema em que tivesse realizado uma visita de estudo para consolidar e noutra momento esse mesmo tema foi trabalho mas não houve visita de estudo. Na sua opinião a visita de estudo teve mais influência?

Há essas diferenças, visualizando, estando presentes lhes ficam mais facilmente do que aquelas que são tratadas em sala de aula só de carácter expositivo.

16. Acha que as visitas de estudo possibilitam aos alunos um entendimento mais aproximado de um conteúdo?

Concordo e por isso é que sempre que possível, temos um constrangimento grande que é o transporte que implica dinheiro, mas sempre que a autarquia proporciona esse transporte nós fazemos isso. Por isso é este ano o 4.º ano que dá em termos de história conteúdos diferentes e como a carrinha da câmara só transporta uma turma de cada vez foi o ano que saiu mais, para o ano será o 3.º ano. O transporte e o dinheiro que implica o transporte é um constrangimento para não haver mais visitas de estudo.

A boa educação é moeda de ouro. Em toda a parte tem valor.

Vieira (s/d)